

MENSAL N.º 50 JULHO 2016 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

OS LIVROS DO DESASSOSSEGO

BLIMUNDA

MEGA FERREIRA

LIVROS

VIAGEM A PORTUGAL

EDUARDO
FONSECA:

A ARTE DE PINTAR A POLÍTICA

POP

FEIRA MORTA

UP

BIBLIOMÓVEL

4

**Viagem a
Saramago**
Editorial

6

Leituras

9

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

15

**A Laica
morreu, viva
a Morta**
Sara Figueiredo Costa

24

**Eduardo
Fonseca: a arte
de pintar
a política**
Ricardo Viel

36

**A Casa da
Andréa**
Andréa Zamorano

40

**Os Livros do
Desassossego:
António Mega
Ferreira**

50

Bibliomóvel

59

**Livros pop-up
na Biblioteca
Nacional**
Andreia Brites

73

**And the
winner is...**

74

**Visita guiada:
Booksmile**
Andreia Brites

89

Espelho Meu

94

**Saramaguiana:
Viagem
a Portugal**
Pilar del Río

101

Agenda

Viagem a Saramago

«O viajante viajou no seu país. Isto significa que viajou por dentro de si mesmo, pela cultura que o formou e está formando», aponta José Saramago em *Viagem a Portugal*. Nesse livro publicado em 1981, o escritor se coloca na pele de um viajante que percorreu o seu país a fim de descobri-lo e descobrir-se. Para isso, permite perder-se, demorar-se, conhecer pessoas e histórias, e andar por lugares cujos guias turísticos não conhecem.

A revista deste mês, através das palavras de Pilar del Río, revisita esse título de José Saramago. «O olhar delata o viajante nas suas opções, nas suas emoções e nos seus desgostos. O viajante não necessita de se explicar para estar explicado, e é por isso que este livro, que é uma viagem a Portugal, é também uma viagem a Saramago. Ainda que o autor não fale de si, ainda que não apareça nenhum dado pessoal, *Viagem a Portugal* é o retrato possível do homem que escreve e do país escrito», escreve a presidenta da Fundação José Saramago.

Neste número a *Blimunda* fez um passeio pelo universo das feiras de edição independentes e alternativas, como tradicional Feira Morta de Lisboa, e também percorreu o mundo dos livros Pop-Ups a partir de uma exposição patente na Biblioteca Nacional de Portugal. A revista foi até Proença-a-Nova para conhecer a biblioteca itinerante, um projeto que completa dez anos de existência. E visitou o traço de Eduardo Fonseca, jovem pintor brasileiro que neste mês de julho expõe o seu trabalho no Centro Cultural de Belém. Ainda há espaço para conhecer os livros de António Mega Ferreira e para o texto ficcional da escritora Andréa Zamorano. «A felicidade, fique o leitor sabendo, tem muitos rostos. Viajar é, provavelmente, um deles», escreve José Saramago no final da *Viagem a Portugal*. Viajemos, pois, por esta *Blimunda*. Boas férias e bom verão, até Agosto!

Blimunda 50

julho 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

A PALAVRA CONTRA A BARBÁRIE

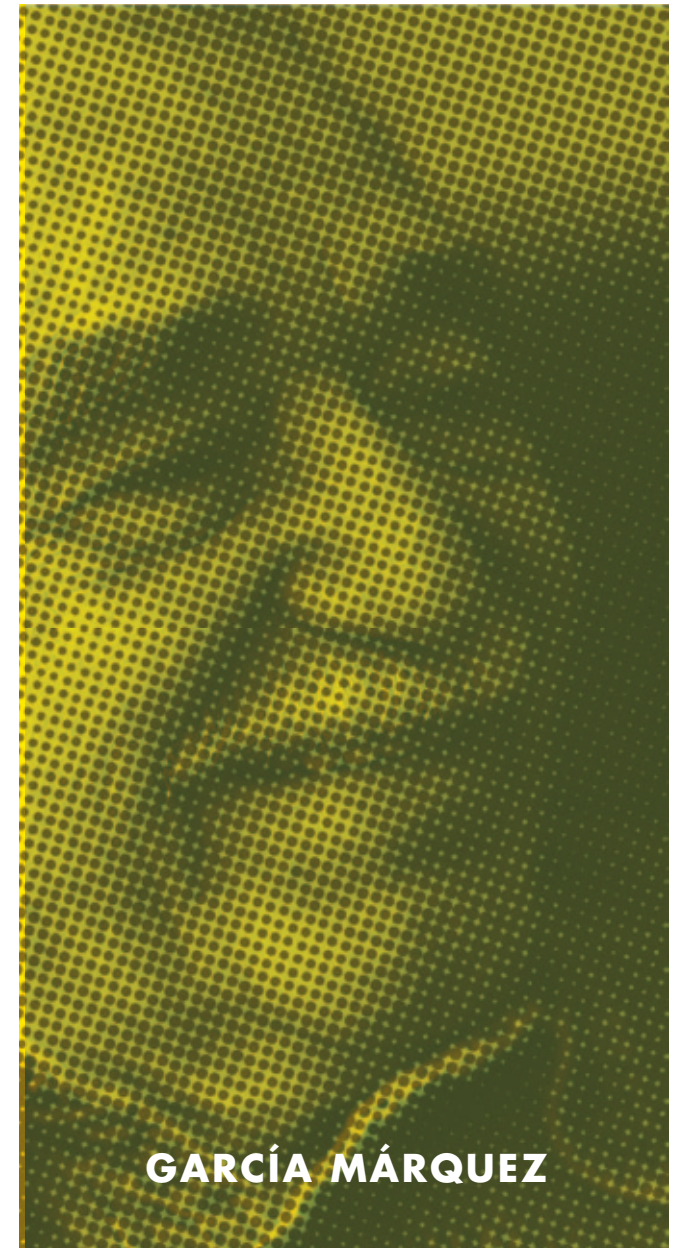
Um texto do escritor galego Manuel Rivas, publicado no *El País*, reflecte sobre o papel que as mulheres vêm assumindo em Espanha no âmbito cultural, constituindo-se como uma espécie de último reduto de uma era onde a barbárie parece voltar a ameaçar a Europa com todas as suas forças. «Después de vivir dos guerras, de las grandes, Elias Canetti se lamentaba no haber escrito más y más contra el lenguaje bélico: si unas palabras traen la guerra, otras podrían frenarla. Lo extraordinario de la historia de Sherezade, lo que a ella la mantiene viva y reactiva nuestro presente, es la manera en que la boca de la literatura frena la catástrofe. No estamos acostumbrados a que triunfe el activismo del sentir. Pero ocurre. El único patrimonio de Sherezade es la palabra poética, la boca que da a luz un lenguaje que no pretende dominar. Y ese activismo del sentir consigue un primer efecto revolucionario: desequilibra al poder.» E, mais adiante: «La revolución de Sherezade es un laborioso proceso contra la estupidez, agravada por el «histerismo masculino» que ha dominado en el poder político, religioso y cultural. Marcelino Menéndez Pelayo despachaba así a Emilia Pardo Bazán: «Literata fea con peligro de volverse librepensadora». Fueron incapaces de ver que era la mejor: el machismo, esa mezcla de grosería y miedo, los cegaba. Y ahora, don Marcelino, la cultura en España es un cultivo de hechiceras,

heterodoxas y librepensadoras. Donde no están, todo parece un «maldito sitio triste» con una pantalla donde ver el fútbol, las moscas y los toros.»



GARCÍA MÁRQUEZ E O CINEMA

Na revista colombiana *El Malpensante*, Nicolás Pernet escreve sobre a relação quase sempre difícil entre a obra de Gabriel García Márquez e o cinema, nomeadamente as adaptações que se fizeram de alguns dos seus livros, por vezes com participação do escritor, e que quase nunca correram bem (pelo menos, assim o julgou a crítica). Diz Pernet: «García Márquez nunca fue director de cine, y rápidamente entendió y aceptó su papel subalterno en las películas en las que trabajó, incluso después de su consagración internacional, a pesar de que los publicistas y el público quisieran verlas como una prolongación natural de su magia literaria. Por esta razón, no es posible esperar que su talento como escritor y contador de historias haya contagiado instantáneamente la producción cinematográfica basada en su obra. El propio Gabo se lo decía sin ambages a los directores con los que trabajaba: «La historia es mía pero la película es tuya.»» E prossegue, reforçando os seus argumentos: «Tampoco es cuestión de si es



posible o no llevar el llamado «realismo mágico» o el universo de Macondo a la gran pantalla. Si bien es cierto que buena parte de la obra de García Márquez contiene elementos fantásticos y personajes prodigiosos, en muchas otras de sus historias no hay ni elementos maravillosos ni sucesos sobrenaturales, sino que son historias netamente realistas. De igual manera, muchos de sus guiones o ideas para el cine ni se desarrollan en Macondo ni contienen doncellas voladoras o lluvias de flores, por lo que el único y descomunal reto que tuvieron sus directores fue contar bien una historia humana. Así que la culpa de muchos de los descalabros de estas producciones no la ha tenido la «magia» de las historias sino el desacertado trabajo de sus realizadores.»



DE LORD BYRON A AGUSTÍN FERNÁNDEZ PAZ

O escritor galego Agustín Fernández Paz morreu no pasado día 12 de Julho, deixando uma obra extensa e com particular relevância no âmbito da chamada literatura juvenil. O autor manteve, até cerca de um ano antes da sua morte, um blog onde escrevia sobre livros, filmes, banda desenhada e outros interesses. O último post, publicado no dia 14 de Maio de 2015, foi escrito a pedido de vários leitores curiosos com um

episódio que o autor inclui no livro *A Neve Interminable*. Em 1816, Lord Byron convidou uma série de amigos para uma reunião à beira do lago Lemán, entre França e a Suíça. Entre os amigos contavam-se vários escritores e nessa noite terão nascido algumas obras que marcaram a literatura da época. «Esa noite, o grupo pasou boa parte da noite lendo em voz alta un libro de contos de fantasmas, editado en Alemaña e traducido ao francés. Nunha das narracións, un grupo de viaxeiros mataban o tempo contándose uns a outros experiencias fantasmais que experimentarían. E foi entón cando Lord Byron lles fixo aos seus acompañantes unha proposta semellante: escribir cadanseu relato de medo, a ver quen conseguía crear o máis terrorífico. Shelley escribiu unha experiencia que tivera na súa mocidade e Byron comezou o que logo sería o poema *Darkness*. O doutor Polidori escribiu *The Vampyre*, un relato considerado o precedente inmediato do *Drácula* que anos despois crearía Bram Stoker. E Mary Shelley?» Mary Shelley, sabemos máis adiante, terá encontrado a inspiración para o seu *Frankenstein*. Quanto ao Verão que não aconteceu, a explicação é muito pouco sobrenatural: «En abril do ano 1815, o volcán Tambora, situado nunha das illas de Indonesia, entrou en erupción. Unha erupción extremadamente violenta, din que a máis grande da historia. O desastre provocou máis de cincuenta mil mortos, contando só os dos días seguintes á erupción. Esta foi tan forte,

que as cinsas e partículas expulsadas polo volcán chegaron á estratosfera; as máis pesadas foron caendo ao chan, mais as finas permaneceron alí durante anos.»



UM SERROTE PARA GUARDAR

A revista brasileira *Serrote* disponibilizou a sua mais recente edição na internet, para leitura integral. O número 23 ½, apresentado durante a última edição da Festa Literária Internacional de Paraty, inclui textos de Alice Sant'Anna, Jean Renoir e Robert Louis Stevenson, para além de um dossier dedicado a Ana Cristina César, autora homenageada na FLIP. Como de costume, as ilustrações e o grafismo são irrepreensíveis.



Um Postal de Detroit
João Ricardo Pedro
D. Quixote

TEMPO SUSPENSO



Um acidente ferroviário na localidade de Alcafache, no centro do país, entrou-nos em casa em 1985, com a televisão a mostrar a desolação dos corpos carbonizados e a incerteza sobre a identidade de quem teria morrido no choque entre os dois comboios. O momento antes desse choque serve a João Ricardo Pedro como ponto de partida para o seu segundo romance, depois de *O Teu Rosto Será o último*, distinguido com o Prémio Leya em 2011. O efeito desse momento prévio é poderosamente perturbador, até porque faz arrancar a narrativa com uma longa digressão cujo motor é a suspensão do tempo. Como se fosse possível transformar os milésimos de segundo antes do impacto, com o qual nenhum dos maquinistas contava, num percurso desordenado pelas memórias de cada um deles. A literatura assume aqui o papel possível de um «e se», não tanto para contrariar o trágico rumo dos acontecimentos, mas antes para lhe dar um sentido, encontrando na morte uma réstia de fuga, um contrariar do seu absoluto fim a partir das palavras e do que estas podem evocar. Depois dessa digressão inicial, o que se segue é uma narrativa que cruza pessoas de modo improvável. Um narrador na primeira pessoa, alterando o seu idiolecto de acordo com a idade que se vai acumulando, começa por misturar ficção e realidade entre a sua família e os

bonecos de índios e cowboys com que brinca diariamente, para ir ganhando consciência do impacto de cada acontecimento à medida que cresce e vê adensar o mistério sobre a mochila da sua irmã, encontrada entre os destroços dos comboios, sem que o corpo alguma vez apareça. Esse crescimento não muda apenas o modo de narrar, confirmando, passo a passo,

uma perturbação mental assumida pelo narrador que será elemento importante para ajudar a pôr em causa quase tudo o que por si é dito. Pelo meio, há digressões pejadas de referências, do futebol à vida de bairro, das casas de má fama aos cafés onde se joga bilhar, e aqui confirmamos a consolidação de um estilo, mesmo quando se notam algumas recorrências pouco surpreendentes (das enumerações à sintaxe). Nada disso é mácula num texto forte, equilibrado nas diferentes velocidades narrativas, marcado por um trabalho de linguagem que já é estilo reconhecido.

De certo modo, João Ricardo Pedro dedica parte do seu esforço narrativo a confirmar a desordem do mundo, tanto como a explorar, por vezes com sentido deslumbramento perante o absurdo, essas pequenas coincidências que parecem transformar cada vida, para o bem e para o mal, em algo com mais sentido do que aquele que nos cabe na insignificância do universo. As pequenas coisas da vidinha são, aqui, palco para as grandes reflexões sobre a natureza humana e as suas esquinas, sem presunção nem delírio filosófico. Seco e por vezes brutal, este é um texto sem complacências, mas nem por isso falho de afectos ou tímido no enfrentar dos tão temidos sentimentos. E do enfrentamento, João Ricardo Pedro sai vencedor.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



CESAREA.COM.BR



A Rota da Porcelana

Edmund De Waal
Sextante

Para além de escritor, Edmund De Waal é ceramista e a sua paixão pela porcelana tem sido consumada em diversas peças, muitas delas expostas em museus pelo mundo fora. Este livro é o resultado das suas viagens, geográficas, documentais e autobiográficas em torno da porcelana, um percurso pela história do «ouro branco» que percorre países e continentes, acabando por revelar-se uma história da humanidade ao longo do último milénio.



Sonho com asas

Teresa Marques , Fátima Afonso
Kalandraka

Sonho e desejo imbricam-se neste poema em prosa que eleva, pela ilustração, uma menina a uma condição etérea de liberdade. O onírico subjaz a toda a construção textual e visual, na metáfora e na suavidade da paleta de cor, na semântica do desejo e da viagem e na fluidez das figuras em movimento. O final concretiza o voo, sinónimo de libertação, e a janela que as páginas abrem representa também essa abertura ao mundo.



Darse. Autobiografía y Testimonios

Victoria Ocampo

Fundación Banco Santander

Antologia que recolhe parte considerável dos textos de memória de Victoria Ocampo, bem como artigos dispersos que a autora argentina foi publicando ao longo da vida. Incluem-se textos retirados dos seis volumes da *Autobiografía*, escritos a partir dos anos 50 do século passado e publicados entre 1979 e 1984, logo depois da morte da autora.



Madoka Machina 2

André Pereira

Polvo

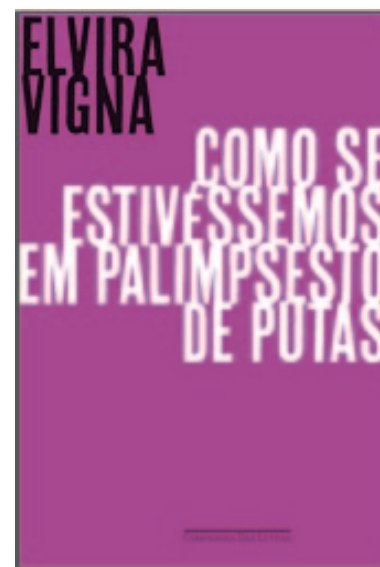
Segundo volume da obra de André Pereira, *Madoka Machina 2* retoma o quotidiano dos seus personagens, desta vez num percurso irónico sobre os contornos da tão propagandeada meritocracia. O traço sinuoso do autor, o ambiente *punk-sci-fi* cruzado com alguma influência da bd asiática, tudo contribui para mais uma leitura obrigatória naquele que é o panorama cada vez mais rico da banda desenhada portuguesa contemporânea.



O Ploc do Pollock

Rui de Almeida Paiva, Ivone Gonçalves
Caminho

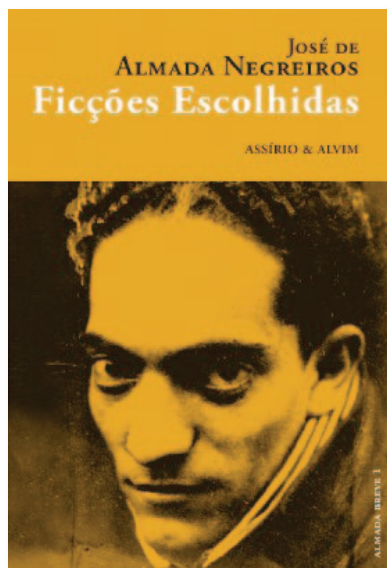
Como surgiu a estética e a técnica ao pintor Jackson Pollock? A partir de uma curiosidade, cria-se um enredo que nos leva além do pintor e se centra na imaginação e na criatividade, tantas vezes coartada por terceiros que não a compreendem e limitam a observação do mundo a uma formatação única. Neste caso, todavia, um fracasso leva esses mesmos terceiros a ajudar o pintor a encontrar o seu caminho. E são, nada mais nada menos que os seus pais.



Como Se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas

Elvira Vigna
Companhia das Letras

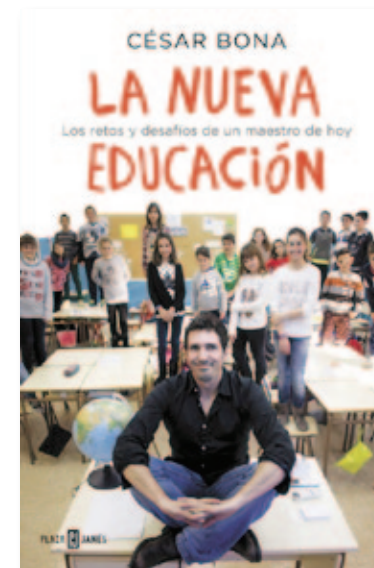
Dois estranhos encontram-se no Rio de Janeiro, num Verão particularmente quente. Uma designer, um informático, uma sala de trabalho e logo o espaço se torna fértil em confidências, nomeadamente as feitas pelo informático sobre os seus encontros habituais com prostitutas. Um romance forte sobre o modo como nos relacionamos uns com os outros e a influência que nisso exerce a sociedade.



Ficções Escolhidas

Almada Negreiros
Assírio & Alvim

Colectânea de textos em prosa, escolhidos de entre a obra de Almada Negreiros e reveladores dos traços vanguardistas que o autor imprimiu à literatura portuguesa do século XX. Organizados cronologicamente, os textos incluem «A Engomadeira», «K4 O Quadrado Azul» ou «Saltimbancos (Contrastes Simultâneos)».



La nueva educación

César Bona Plaza
Janés

A nomeação para um prémio internacional deu a este professor a visibilidade suficiente para que pudesse partilhar todo um ideário educativo. É o que faz neste livro, de forma simples e recorrendo sempre à sua experiência de terreno em defesa do respeito, da auto-exigência, da criatividade e questionamento. Em capítulos curtos, César Bona relata situações concretas, em sala de aula e com a comunidade, que sustentam princípios que considera essenciais para alterar a abordagem do professor e a relação da sociedade com a educação.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**



mART

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC



SARA
FIGUEIREDO
COSTA

A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

Em Dezembro de 2004, uma imagem da cadela Laika com um capacete de astronauta espalhou-se pelas paredes de Lisboa, anunciando uma feira. Laika foi o primeiro ser vivo a vogar pela órbita da terra, em 1957, uma viagem aventureira que contribuiu decisivamente para a progressão da exploração espacial, ao rubro nesses anos de Guerra Fria, ao mesmo tempo que ditou a data de morte dessa cadela cujo nome a história não esqueceu. De regresso a Lisboa e aos inícios do século XXI, a Laika passou a ser Laica e deu nome a uma feira realizada bem perto do Natal, uma brincadeira óbvia com a religiosidade da época e o consumo a ela associada, mas nem por isso menos conseguida. A Feira Laica, como se lia no cartaz, integrava livros, fanzines, edições chamadas de 'independentes', discos, comidas, objectos artesanais e o que mais coubesse na vontade de fazer dos seus participantes. Foram dois dias de compra e venda sem intermediários, produtores e

JOSÉ FEITOR

2ª feira laica



bedeteca de lisboa
18 e 19 de junho | 12-19 h

A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

consumidores conversando em alegre convívio no espaço cedido pela Junta de Freguesia de S. Mamede.

Nesse ano e nos que se lhe seguiram, as feiras urbanas multiplicavam-se, apostando sobretudo nos objectos feitos à mão e na venda directa, mas a Feira Laica foi assumindo uma outra especialização, focada na edição e nos objectos resultantes desta actividade. Edições seguintes revelavam o interesse dos seus organizadores, José Feitor e Marcos Farrajota, no universo lato e muito rico da banda desenhada, da ilustração, do grafismo. Marcos Farrajota constata isso mesmo, agora em plena edição lisboeta da Feira Morta, nos jardins da Bedeteca, no passado dia 11 de Julho: «No início a Feira Laica tinha muito artesanato, mas acabou por especializar-se em edição, e foi um processo natural. Entretanto, as coisas foram evoluindo, como é natural. Mas o que me parece importante é dizer que isto foi um processo inevitável e tem muito a

JOÃO MAIO PINTO



A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

ver com o espírito do tempo. Se não fossemos nós a fazer a Laica, alguém iria fazer, de certeza. É uma espécie de marcha imparável, quase como a dos maoistas... Se pensarmos no que existe no plano da auto-edição, há mesmo muita gente a fazer coisas. Se quisermos reduzir isto, podemos pensar em artefactos da sociedade da hiper-informação. Se calhar, há umas décadas, quando querias fazer alguma coisa, fazias uma caneca. Agora, fazes uma coisa inacreditável que se chama livro, ou publicação, e é um artefacto que tem informação, já não é só um objecto utilitário. Depois os conteúdos morais, ideológicos, já são outra discussão... Há coisas que não me entusiasмам, mas também não as vou proibir ou julgar, porque seria um nazi de merda. O que interessa é que há muitos formatos e conteúdos que querem existir e estas feiras permitem juntá-los todos, dos autocolantezinhos sem interesse nenhum aos fanzines cheios de coisas para pensar. É mesmo assim, seja a tua praia ou não. E o que quero é que toda a gente se misture, e venha.»

MIGUEL CARNEIRO



A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

Entre 2004 e 2012, a Feira Laica aconteceu em muitos espaços diferentes, reunindo editores de livros, fanzines e publicações dificilmente classificáveis, editores de música, gente que cria objectos das mais diversas naturezas a partir dos materiais que tem à mão. O público foi crescendo e, de repente, parecia que a Feira Laica era já uma instituição inabalável, à beira de se tornar mobília no panorama da edição a que tantos chamam alternativa. Como conta Farrajota, «Em 2012 fizemos a Feira Laica na Estação Elevatória dos Barbadinhos e foi uma coisa já um bocadinho apoteótica... É verdade que já andávamos há dois ou três anos a dizer que era a última que fazíamos, mas decidimos acabar nesse ano e em grande. Provámos que o modelo podia funcionar e que alguém podia pegar nesse modelo e fazer dele outra coisa. Quem pegou foram os miúdos da Cafetra Records que passaram a fazer a Feira Morta. Agora vou como participante, com a Chili

MIGUEL CARNEIRO



A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

Com Carne ou a Mmmnnnnrrrg, mas a feira é já outra coisa, com uma identidade própria e diferente. Não há qualquer influência, apenas uma continuidade noutros moldes, agora levada pelo Pedro Sar (Saraiva), que foi quem ficou realmente a tomar conta da Feira Morta.»

Sar, ou Pedro Saraiva, conta à *Blimunda* como nasceu a Feira Morta, pegando numa herança que caminhava para ser intocável e fazendo dela outra coisa, mesmo sem lhe apagar a identidade: «A Feira Morta é assim uma espécie de descendente directa da Feira Laica. E a minha relação com a Laica começou como editor, com a Cafetra, a participar na feira. Nessa altura, o Marcos perguntou-me se não queria tomar conta da programação musical das Laicas e foi uma experiência que quis repetir, porque gostei muito de encontrar outras pessoas que como eu também trabalhavam afincadamente no seu projecto e de quem eu nunca tinha ouvido falar. Essa sinergia agradou-me e quando me disseram que a Laica ia

NUNO SOUSA



A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

acabar, decidi avançar. É um acontecimento importante, este encontro entre as pessoas que trabalham desta forma e o público, um encontro directo e sem intermediários. A ideia inicial era mantermos o nome mas, mais tarde, percebemos em conjunto que a Feira Laica tinha morrido e daí surge o nome Feira Morta. A Laica morreu e esta que acontece agora está morta, mas acontece à mesma. Foi este o percurso.»

Morta a Laica, a Feira Morta foi uma espécie de fénix, mas com plumagem nova. Quem acompanhou estas feiras desde a primeira edição viu nascer, desaparecer e renascer tendências, modos de produção, técnicas a cada nova edição. O artesanato urbano praticamente desapareceu, assim como as comidas feitas em casa e vendidas à unidade, à revelia da ASAE, como se quer. As publicações em papel multiplicaram-se, contrariando os arautos do apocalipse do papel e do livro. As fotocópias que marcavam os fanzines dos anos 80 e 90 voltaram, agora utilizadas com a consciência de outras técnicas estarem disponíveis e poder escolher-se

63



A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

essa porque é a que melhor serve em certos casos. A tipografia com caracteres de chumbo e madeira ganhou espaço, a banda desenhada e a ilustração nunca perderam terreno, os autores continuam a ser, muitas vezes, os editores e impressores e também os vendedores diretos do seu trabalho. De certa forma, a Feira Laica ainda acompanhou os últimos fulgores de uma era em que a banda desenhada e a ilustração portuguesas souberam tirar partido de um apoio institucional, muito protagonizado pela Câmara Municipal de Lisboa, que entretanto se esfumou. Como diz Marcos Farrajota, «viemos aqui parar já num período em que a Bedeteca deixou de ter programação e isto passou a ser quase a única coisa que existia na Bedeteca nessa época. De certa forma, deixámos de ter a Ilustração Portuguesa e o Salão Lisboa, mas passámos a ter uma ilustração que podemos dizer alternativa muito forte, com exposições aqui nas salas, com autores que vieram cá. Isso depois

JUCIFER



A LAICA MORREU, VIVA A MORTA!

foi quebrado, porque a Câmara [Municipal de Lisboa] não deu continuidade e a Bedeteca deixou de ter exposições à sério... Ficaram os murais que foram feitos por alguns autores, mas nunca houve continuidade.» Com a edição de Julho da Feira Morta, os jardins da Bedeteca de Lisboa voltaram a encher-se de gente. Os tempos mudaram, claro, mas talvez a pequena edição e auto-edição portuguesas, muito centradas na banda desenhada e na ilustração, estejam a viver uma nova fase de pujança artística, técnica e editorial. Acompanhar as próximas Feiras Mortas dará a medida dessa hipótese. E talvez um dia a Morta morra também e outra coisa se lhe suceda, como é apanágio de quase tudo o que está vivo e anda por aqui.

LUCAS BARBOSA



RICARDO
VIEL

FONDUARD
FONSECA:
ARTE DE PINTAR
A POLÍTICA

EDUARDO FONSECA: A ARTE DE PINTAR A POLÍTICA

N

ão lhe tivesse a vida dado uma rasteira e talvez Eduardo Fonseca ainda hoje estivesse a usar as mãos para preparar caipirinhas e servir aguardente num bar da cidade de Viçosa, interior de Minas Gerais. Em 2003, o então aluno de Geografia decidiu abrir um negócio com uns amigos na cidade onde estudavam. O empreendimento durou menos de um ano e além de deixar os sócios endividados (e com os fígados maltratados) custou a Eduardo a reprovação em todas as disciplinas do curso. Sem bar e com o ano escolar perdido, o jovem decidiu abandonar

a faculdade, mudar-se para Belo Horizonte e tentar aquilo que sempre o seduzira. Um ano depois entraria em Belas Artes e começaria a fazer do gosto por desenhar uma profissão. «No início eu tinha preguiça de pintar com tinta, achava que dava muito trabalho misturar cores, limpar pincéis, sujar as roupas, mas no primeiro ano do curso já me encontrava submerso naquele mundo», conta o mineiro nascido em Ponte Nova (1984). Rapidamente descobriu e aprimorou aquela que é hoje a sua principal marca, a textura das cores que usa para pintar as suas telas. «Acho que a marca do meu trabalho tem muito a ver com a questão da paleta de cores e com os temas. Eu só assino as telas atrás, porque acho que as assinaturas acabam por interferir na leitura do trabalho, prefiro que as pessoas reconheçam as pinturas pelas características fundamentais do meu traço», explica.

Acostumado a retratar pessoas – muitas delas amigos, que se dispõem a posar nas mais variadas cenas (por exemplo pendurados em cordas ou tomando café) – Eduardo acabou tam-

EDUARDO FONSECA: A ARTE DE PINTAR A POLÍTICA

bém por transferir para as penas e pelos de animais essa cor característica do seu trabalho. «Eu gosto de usar animais como metáfora de pessoas», conta enquanto caminha pela Galeria Arte Periférica, em Lisboa. É a sua terceira exposição no espaço incluído no complexo do CCB (Centro Cultural de Belém). «Há um golpe de Estado no Brasil» é o nome da mostra de Eduardo Fonseca que estará na galeria até ao final de julho. São 14 quadros que percorrem três anos de trabalho do artista e que foram produzidos em Lisboa, Nova Iorque e Belo Horizonte. «O nome veio depois, achei que era uma oportunidade de dar um grito sobre o processo tenebroso que o Brasil está a viver. Mas não quis apontar o holofote e citar o nome de um só, até porque acho que não é só uma pessoa que está por trás do golpe», diz o pintor em referência ao presidente interino do Brasil, Michel Temer.

Eduardo conta que sentiu que a política foi entrando na sua vida e acabou por interferir no seu trabalho. «Os primeiros retratos que fiz não diziam muita coisa, depois criei situações despretensiosas com muitos personagens mas continuava sentindo que faltava algo. Em 2010 cheguei a Portugal para estudar ao mesmo tempo que a Troika chegou, e vivi a crise e tudo aquilo. O contexto acabou por interferir diretamente no trabalho que desenvolvia no Mestrado. Em 2013 voltei para o Brasil e começaram as manifestações. Não há como ficar indiferente a isso.» Os quadros expostos no CCB têm uma conotação política que muitas vezes não são identificáveis numa primeira leitura. Quase nada no trabalho de Eduardo Fonseca é explícito, aponta

EDUARDO FONSECA: A ARTE DE PINTAR A POLÍTICA

Anabela Antunes, diretora da galeria Arte Periférica. «Para mim há duas marcas que distinguem o trabalho dele. A criatividade é uma delas, está sempre presente. E também há quase sempre uma mensagem que está subjacente. Vale a pena tentar olhar para além do que se vê». Exemplo disso é o quadro «A Grande Decisão», em que se vê uma enorme pipoca, cheia de cores e que parece estar em órbita no universo. «Eu penso nessa pipoca como as consequências das decisões que tomamos, dependendo da altura do fogo, da quantidade de óleo que há, ela estoura de uma determinada forma. Assim são as nossas decisões, que acarretam consequências que permanecem na consciência», comenta o artista. Há telas mais explícitas, como «A dependência do Capitão», que mostra várias aves a andarem em grupo, sendo que uma delas tem uma coloração de penas distinta. Em «A Rua», uma jovem com um vestido colorido e uma aura vermelha é cercada por pombos, pardais, um gato e um cachorro, que são os habituais habitantes da rua, explica o autor. A rua, como espaço de manifestação, já havia sido fonte de inspiração para o artista. Em 2014, a mostra «Não é nada disso que você está pensando!» expôs em Belo Horizonte quadros que tinham como ponto de partida a inquietação política testemunhada pelo artista no Brasil.

Mas os trabalhos expostos no CCB não se restringem ao universo brasileiro. Em «Os Turistas», Eduardo Fonseca retrata uma Torre de Belém tapada por gaivotas que voam em todas as direções, uma crítica à invasão turística sofrida por Lisboa nos últimos anos. Ao lado do quadro, com o sugestivo título de «Souvenir para turista», está a paleta de tintas usada para a produção do obra, que também pode ser comprada. Outra tela que chama a atenção é «Black Heart»,

EDUARDO FONSECA: A ARTE DE PINTAR A POLÍTICA

que mostra rostos e punhos erguidos que Eduardo Fonseca foi buscar a uma manifestação anti-racismo em Baltimore, nos Estados Unidos, em 2015, na altura em que o artista lá viveu.

A rua tem servido de inspiração e também de montra para o mineiro. Nos últimos anos Eduardo Fonseca tem pintado muros em várias cidades. «Comecei a fazer em Minas, por um convite, depois mudei-me para Nova Iorque e desenvolvi outros murais no Brooklyn. Há uma adaptação, foi uma aprendizagem também sobre o tempo. Eu posso demorar seis semanas para pintar um quadro no atelier, e de repente na rua preciso de ser mais rápido. A logística é outra, ainda mais para quem usa pincel e tinta como eu. O melhor da rua é o contacto com as pessoas que passam e conversam, fazem perguntas e comentários. A resposta é mais imediata que a do atelier», explica.



Quando chegou a Lisboa, onde tirou um Mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Eduardo percebeu que a capital portuguesa podia ser também um trampolim para que os seus quadros chegassem mais longe. Com a ajuda de galeristas, o trabalho do brasileiro começou a ser conhecido na Europa e também noutros lugares, como a China. Em 2013, o seu quadro «American Dream», que retrata uma mulher gorda deitada nua sobre a bandeira da China, foi escolhido com outros trabalhos do artista para integrar a 5ª Semana Cultural da China e Países de Língua Portuguesa, em Macau. «A pintura foi adqui-

EDUARDO FONSECA: A ARTE DE PINTAR A POLÍTICA

rida por um chinês e foi emprestada para o encontro mas não pôde participar por representar uma bandeira do país, foi o que me explicaram», conta o artista que mais uma vez viu como a Política invadia a sua vida (e o seu trabalho).

A

pós a exposição no CCB o pintor mineiro rumo a Barcelona. Em setembro participa da Swab, convidado por uma das 75 galerias que integram a feira. Antes, ainda no final de julho, participa no projeto expositivo de arte pública, Paratíssima Lisboa, uma iniciativa da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior. O desafio consiste em produzir um mural que permanecerá após o término do festival.

E depois? «Depois eu não sei ainda. Os planos para o futuro são incertos. Desde 2013, quando voltei de Portugal para o Brasil, tenho feito uma empreitada todos os anos em algum lugar. Em 2014 voltei cá por 2 meses, em 2015 estive em Nova Iorque durante 6 meses, em 2016 Lisboa novamente por 6 meses. No ano que vem será um lugar ainda incógnito. Gostava de experimentar novas residências noutros países também, vamos ver».













ACASA DA ANDRÉA

ANDRÉA ZAMORANO

O PESO DAS TCHICHICUAS

Se eu tivesse tido um mínimo de decência, tê-lo-ia poupado, ter-me-ia salvado. Impassível, assisti do outro lado da rua, no mesmo café onde tantas vezes fomos lanchar depois do culto, a tentativa fracassada do pastor de se livrar do ataque das tchichicuas em bando. Pressenti que talvez tivessem uma reação forte. É raro conseguirmos antecipar uma aparição de tchichicuas, não senti contentamento, fui mesmo tomado por uma pena enorme de mim.

As tchichicuas são seres suscetíveis. Se porventura são deixadas à própria sorte pode acontecer uma de duas circunstâncias: ou somos completamente libertos das severidades do seu fardo; ou, pelo contrário, partimos o fio-de-prumo que nos mantém verticalmente ligados ao lado certo das coisas, levando as tchichicuas a ganharem corpo. Elas vão crescendo, podendo aumentar a sua forma, o seu número e o seu peso até se tornarem insuportáveis.

Ficou célebre, em tempos, o caso do senhor Delgado que apesar da magreza do nome tinha um apetite voraz, era cliente assíduo do restaurante

Lasai, na Rua do Conde de Irajá, em Botafogo. Depois de um jantar de negócios, mal cruzou a ombreira da porta, foi esmagado à frente do estabelecimento pelo peso da sua tchichicua. Na altura, surgiram nas redes sociais várias teses sobre a relação entre a veemência da pressão exercida pela tchichicua e o fato de o incidente ter sucedido numa área de maior intensidade empresarial. Tal argumento da localização geográfica não é explicativo nem para a dimensão da tchichicua, nem para a velocidade com que se despenhou sobre o já não mais balofo corpo do senhor.

Para lá de Quintino, quase em Oswaldo Cruz, mora uma senhora que todos os dias se deita e se levanta vendo e sendo vista pela sua coleção incontável de tchichicuas. Vivem empoleiradas no dossel da sua cama, na parte de cima do armário das poucas roupas que ainda vai tendo, na cómoda que fica no canto do quartinho minúsculo, às vezes espalhadas pelo chão como se estivessem apenas à espera. São inúmeros e muitos diversos os casos de manifestações de tchichicuas por toda a cidade.

Antes mesmo de que tudo acontecesse, tive a certeza que dificilmente conseguiria me livrar das tchichicuas que passaria a carregar tamanha era a desaprovação pelos meus atos. Poderia apenas desistir não levando a cabo as minhas intenções mas de pouco valeria. Por certo outra forma tor-

turante surgiria confirmando a contabilidade das partidas dobradas: "se algo vai, outro algo vem em seu lugar". Segui com o plano.

Trinta minutos antes da hora habitual, eu estava de socapa dentro do carro com o telefone em posição na esquina da casa do pastor. Carlos entrou como se não houvesse tchichicuas na sua vida. Aproximei-me, muitas casas no subúrbio não têm muros altos, pus-me à janela com total indiscrição, desejando ser descoberto. Não obtive sucesso, só confirmação.

No domingo, durante o culto, um burburinho ensurdecedor varreu o salão. O rebanho ignorou os louvores, os gritos de adoração, os avivamentos do Espírito Santo, as certezas absolutas. No mural do facebook da igreja estavam as fotos e os vídeos gravados por mim com a intimidade entre Carlos, meu noivo, e o pastor que o tentava curar. Centenas de fiéis pasmados, rubores scandalizados em coros de estupefação e censura, milhares de postagens nas redes sociais viralizando a desgraça alheia, era o triunfo repugnante da minha leda vingança.

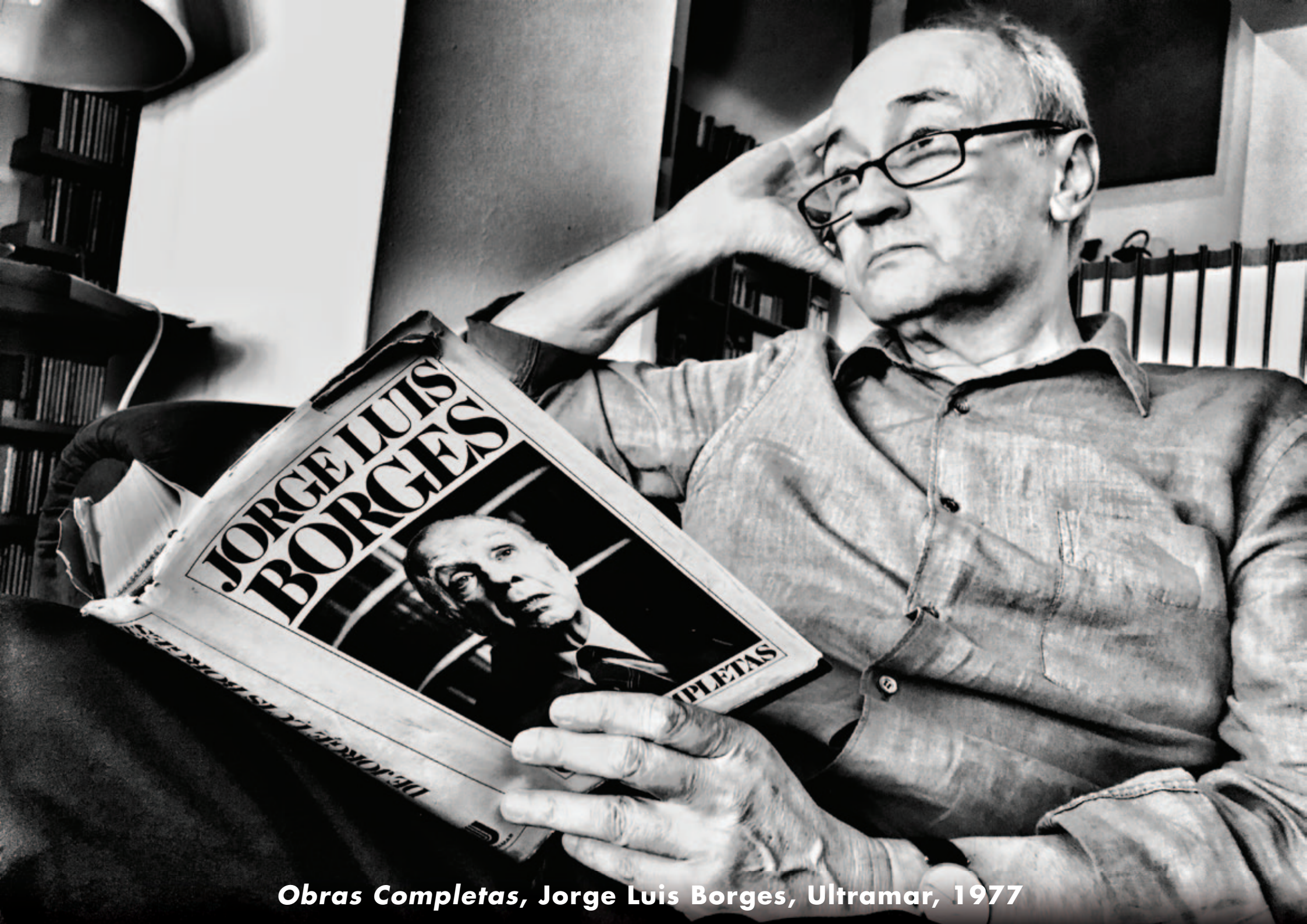
Duas horas depois, o pastor foi encontrado em casa asfixiado com um cinto de couro arramado ao pescoço, pendurado na porta a poucos centímetros do chão. De imediato pousaram nos meus ombros duas tchichicuas bastante desenvolvidas com cerca de vinte quilos cada.

ANTONIO MEGGA FERREIRA

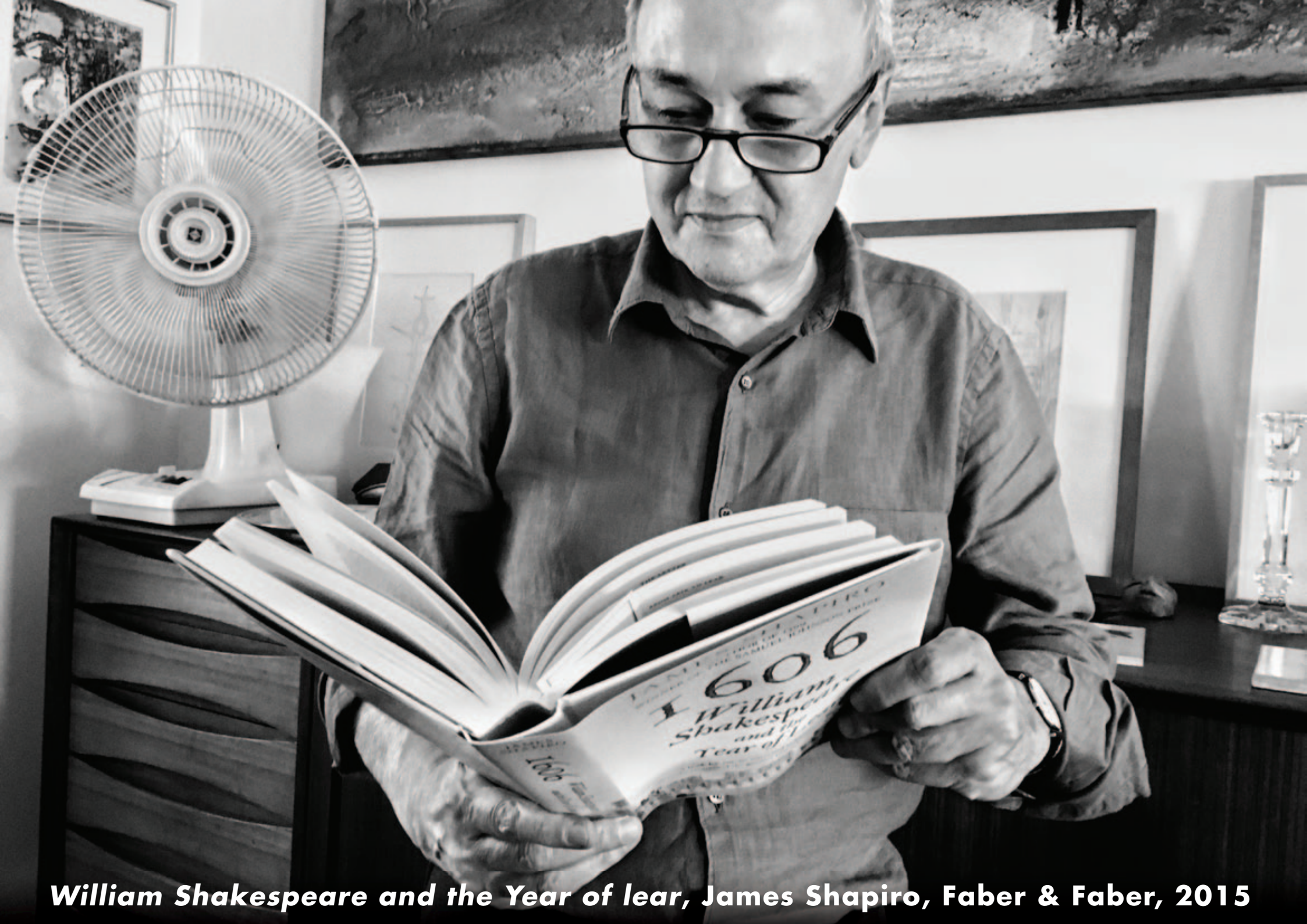
OS LIVROS
DO DESASS
OSSEGO

Escritor, tradutor, jornalista e gestor cultural, António Mega Ferreira participou nos ***Dias do Desassossego*** numa mesa que teve como mote a pergunta: «Se a literatura salva?». A conversa, moderada pelo jornalista Pedro Santos Guerreiro e que contou também com a presença de Tiago Rodrigues, girou em torno da ideia da experiência leitora e dos livros que marcaram a vida dos convidados. À *Blimunda* e aos seus leitores Mega Ferreira mostrou a sua biblioteca pessoal e os livros que o desassossegam.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA



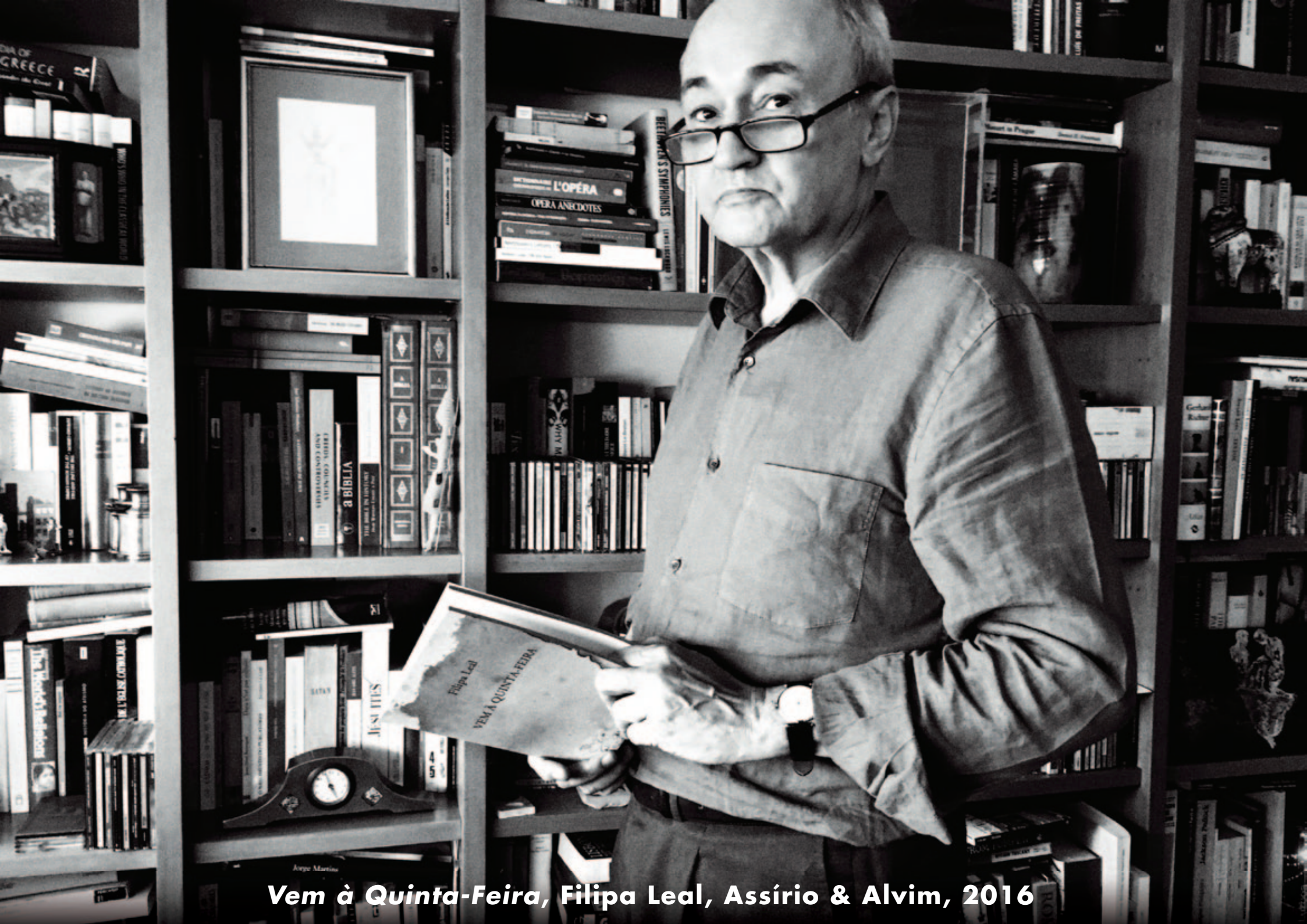
Obras Completas, Jorge Luis Borges, Ultramar, 1977



William Shakespeare and the Year of Lear, James Shapiro, Faber & Faber, 2015



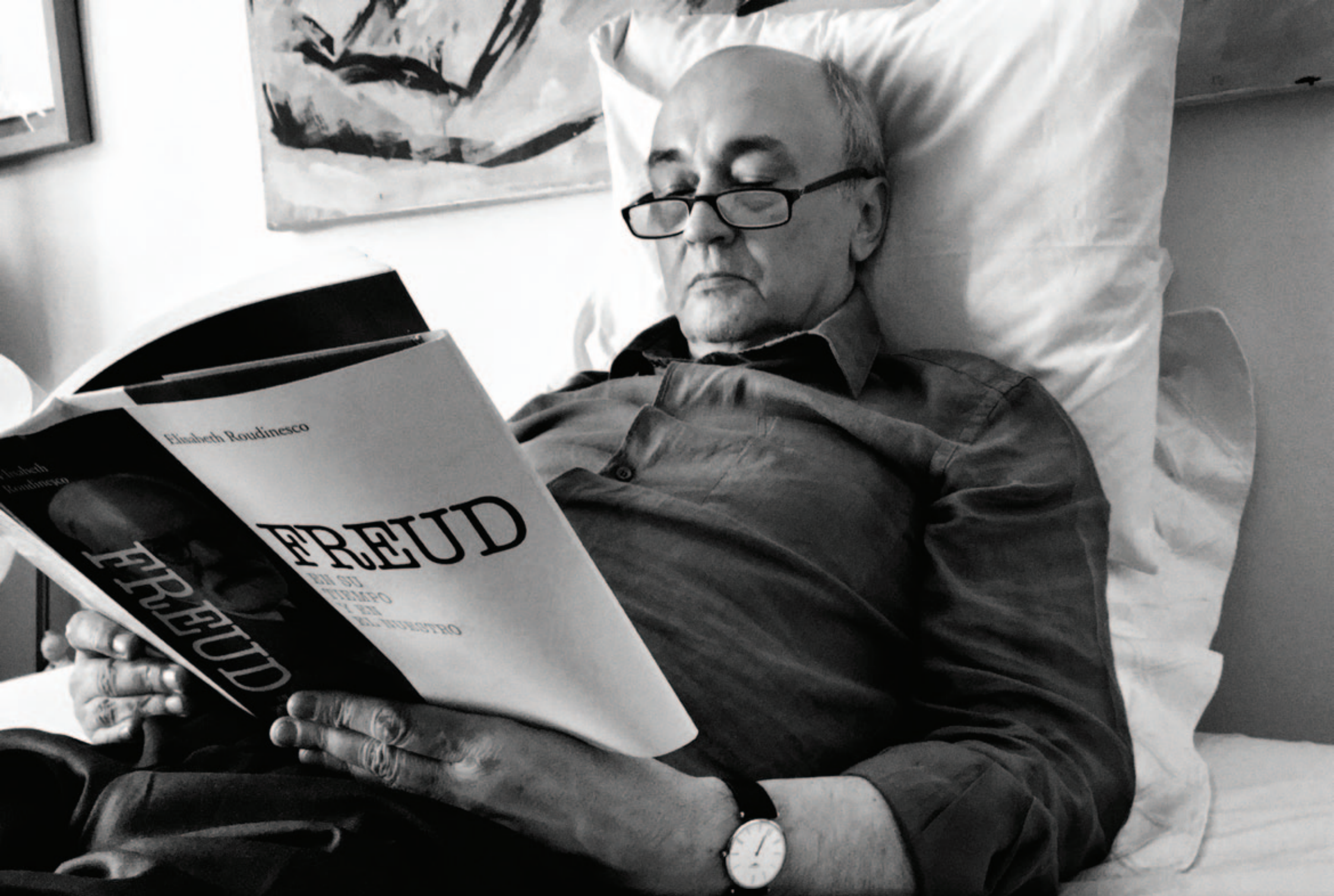
A Divina Comédia de Dante Alighieri, Vasco Graça Moura, Bertrand, 1997



Vem à Quinta-Feira, Filipa Leal, Assírio & Alvim, 2016



O Livro do Desassossego, Fernando Pessoa, Tinta da China, 2014



Freud en su Tiempo y en el Nuestro, Elisabeth Roudinesco, Debate, 2015

JOSÉ SARAMAGO

CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



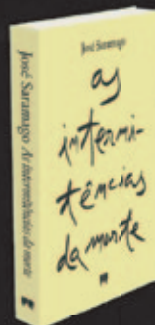
Eduardo Lourenço



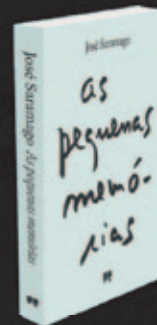
Armando
Baptista-Bastos



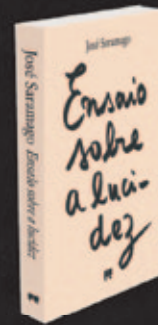
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mãe



Gonçalo M.
Tavares



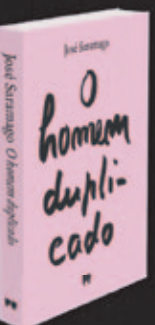
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



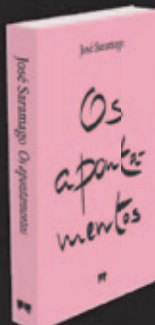
Júlio Pomar



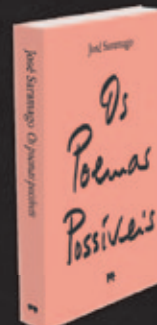
Lídia Jorge



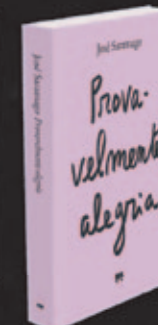
Mía Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO o
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACÇÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

♥
DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



BIBLIO

ANDREIA
BRITES

NOVEL

UMA
DÉCADA A
CONSTRUIR
MAPAS DE
AFETOS

BIBLIOMÓVEL DE PROENÇA-A-NOVA

Tudo começou com um programa de fundos europeus. Nuno Marçal informou-se e resolveu concorrer através do Município onde já era bibliotecário. Com a verba recebida, apetrechou-se uma carrinha com estantes à medida e um fundo diversificado. Como está hoje? Não exatamente na mesma, porque também são os leitores quem dita o que existe.

Fez no dia 26 de junho dez anos que o Bibliomóvel de Proença-a-Nova se fez à estrada pela primeira vez. O Papalagui, blogue que criou e que continua a alimentar exclusivamente para ilustrar as "andanças do bibliomóvel", é o retrato mais fiel do quotidiano deste bibliotecário que também foi escuteiro e tem uma característica essencial para desenvolver esta missão: gosta muito de pessoas.

Por isso, tanto para nos adros dos lugares como à beira de cafés de estrada, e tanto pode ser convidado para uma mini quando o verão aperta e fazem 40° como para provar o vinho de uma vindima familiar ou a carne de uma qualquer matança do porco por amigos. Adeegas, bancos de pedra, fontes, telheiros, todos estes locais são pontos de encontro privilegiados.

Uma das mudanças ao longo dos anos foram as visitas a centros de dia e lares aonde o bibliotecário leva histórias tradicionais e recolhas orais que lançam o mote para as memórias de quem lá habita, entre a televisão, a malha e outras atividades. Com a Ciência Viva Nuno Marçal também já teve parcerias para os tempos de férias, quando há crianças de visita aos avós, emigrantes e um ou outro veraneante.

Leitores improváveis também os há. Basta ver as fotografias do Papalagui para perceber. A Blimunda enviou ao Bibliotecário algumas perguntas e em troca recebeu um testemunho que agora publicamos. Uma pequena história, escrita na primeira pessoa, sobre os afetos de uma década, passada entre a solidão dos caminhos e o reencontro com amigos. É um mapa de afetos.

2006/2016 e entretanto passaram dez anos!

Parece que foi apenas um passeio de domingo, mas já lá vão 106.400 Kms percorridos, 1001 imagens captadas e outras tantas histórias contadas, mas principalmente escutadas e sentidas.

Naquela tarde do dia 26 de junho de 2006, uma tarde escaldante de verão, quando me sentei e dei à chave da ignição da Bibliomóvel para a primeira volta, havia um misto de estranhas sensações e emoções, algumas bastante contraditórias que iam entre a incerteza, a mágoa, o medo do desconhecido e a vontade de tentar fazer sempre o melhor possível independentemente das circunstâncias.

A viagem até à primeira paragem foi interminável, queria chegar depressa e abrir portas. Os pensamentos levaram-me até bastante longe nas memórias de infância em busca de referências, em busca de ideias, em busca de respostas.

Cheguei, estacionei e abri portas. Quando os primeiros visitantes/utilizadores começaram

**O valor das Bibliotecas
não está apenas
naquilo que contêm e
naquilo que fornecem.
O principal são mesmo
as Pessoas!**



BIBLIOMÓVEL DE PROENÇA-A-NOVA

a aproximar-se, a entrar e a perguntar o que era aquilo, todas as dúvidas, incertezas e medos desapareceram. Aquilo fazia sentido, encaixava no que tinha imaginado: Fazer acontecer biblioteca pública.

Entretanto passaram dez anos! Dez anos intensos em que aprendi muita coisa, desaprendi outro tanto, adaptei-me e transformei-me como bibliotecário e também como ser humano. Percebi e confirmei aquilo que já suspeitava: o valor das Bibliotecas não está apenas naquilo que contêm e naquilo que fornecem. O principal são mesmo as pessoas!

As suas necessidades, os seus anseios e as suas vontades que tantas vezes são esquecidas e ignoradas em nome de uma «evangelização cultural» forçada e que tem contribuído para um afastamento daqueles dos quais dependemos, pois a função primordial de uma Biblioteca é servir pessoas e ser talvez um dos últimos espaços públicos onde o livre acesso, democrático e igualitário ao conhecimento, Informação e sempre algo mais...esteja garantido.

Sinto um orgulho e uma alegria imensa em fazer parte de uma herança e legado que tanta marca deixou nas memórias daqueles que usufruíram daquelas carrinhas esquisitas que foram autênticos faróis culturais num país mergulhado em escuridão. As bibliotecas itinerantes da Gulbenkian.

Tal como esses profissionais, procuro ir até onde estão, existem e resistem as pessoas, levar e fazer acontecer Biblioteca lá onde já pouco existe, mas onde alguns fazem questão de viver. Creio que é a maior justificação e motivação para continuar todos os dias a fazer o que faço.

A man with a shaved head, wearing a blue sweater, is seen from the side, looking at a computer monitor. He is inside a mobile library van. The van's interior is filled with bookshelves containing various books. On the wall, there are two green posters with white text. The monitor displays a website with several articles and images. The overall atmosphere is one of quiet study and access to information in a mobile setting.

*Não importa a
quantidade, se
houver uma pessoa
interessada fazemos
o caminho até ela.*

BIBLIOMÓVEL DE PROENÇA-A-NOVA

Trabalho em zonas agora denominadas de «baixa densidade», onde o envelhecimento e o abandono do território são as grandes maleitas que as afetam. A cada viagem, mas principalmente quando regresso de férias existe sempre essa dúvida sobre se aqueles que habitualmente esperam por nós, nos sítios do costume, por lá permanecem ou tiveram de se ausentar, quer pela ida para uma casa de repouso, para casa dos filhos ou pela ordem natural da vida.

As andanças da Bibliomóvel não têm um plano fechado, o município de Proença-a-Nova não é grande mas existe ainda espaço para mais paragens que posso ir acrescentando quer seja a pedido, quer seja em paragens-teste que ocorrem depois de conversas exploratórias e ocasionais com moradores dessas terras que podem entrar no circuito. Não importa a quantidade, se houver uma pessoa interessada fazemos o caminho até ela. O caminho é o nosso território funcional, a levar e fazer acontecer Biblioteca.

Somos uma Biblioteca de todos, com todos e para todos e por isso temos recursos inclusive até para aqueles, e não são poucos, que não sabem ler e escrever. As revistas de bordados, rendas, caça e pesca fazem as delícias desta camada da população que resiste e que são atraídas à Bibliomóvel pela companhia e pela hipótese de confraternizar com o bibliotecário e com a vizinhança.

Os leitores são poucos, mas são exigentes, muito exigentes. Ao longo destes anos tive o privilégio de conviver com leitores compulsivos, que infelizmente partiram cedo demais e com os

A high-angle photograph shows two women sitting on a paved surface, likely a sidewalk, reading large open books. The woman on the left has dark hair and wears glasses and a patterned vest. The woman on the right has short, curly white hair and wears a checkered shirt. A small, fluffy brown dog is lying on the ground between them. In the background, there is a rough stone wall with a brown rectangular plaque and a white car door. The text is overlaid in the bottom left corner.

**Os(as) leitores(as) tipo
da Bibliomóvel são
senhoras de meia idade,
domésticas que adoram
romances de fazer chorar
as pedras da calçada.**

BIBLIOMÓVEL DE PROENÇA-A-NOVA

quais aprendi muito. Os(as) leitores(as) tipo da Bibliomóvel são senhoras de meia idade, domésticas que adoram romances de fazer chorar as pedras da calçada, de autores que são conhecidos pela sua aparição nos ecrãs da tv. E quando tentas puxar a seleção para autores mais consagrados e premiados, muitas vezes torcem o nariz pois não entendem grande parte dos enredos e ficam um pouco perdidas no vocabulário.

Estes dez anos serviram também de confirmação de que não estamos sozinhos, existem serviços de biblioteca itinerante um pouco por todo o mundo. Não somos melhores nem piores, mas definitivamente somos diferentes e isso nota-se nos encontros desta autêntica «Família Biblio-Movilera», à semelhança do nosso quotidiano profissional somos mais próximos, mais cúmplices e mais intimistas com os nossos «familiares». Não importa se são de Portugal, do Chile, da Finlândia, da Rússia ou da Croácia, as histórias vividas, os momentos sentidos, os acontecimentos observados, as histórias escutadas e contadas não divergem muito e por isso existe uma rápida identificação e quase imediata ligação.

Pois, e entretanto passaram dez anos... tal como no primeiro dia procuro fazer sempre o melhor possível, independentemente das circunstâncias pois foi assim que me ensinaram. A vontade está cá e acredito que irá estar sempre. A motivação também existe e é bastante alimentada pelo combustível social, afetivo e efetivo, através de palavras e atos que recebo por parte de amigos, família e da outra família que um pouco por todo o Mundo, como eu, sai todos os dias para o caminho para fazer acontecer *Biblioteca sobre rodas*.

LIVROS

ANDREIA
BRITES

POP-UP

EM
EXPOSIÇÃO
NA
BIBLIOTECA
NACIONAL

LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

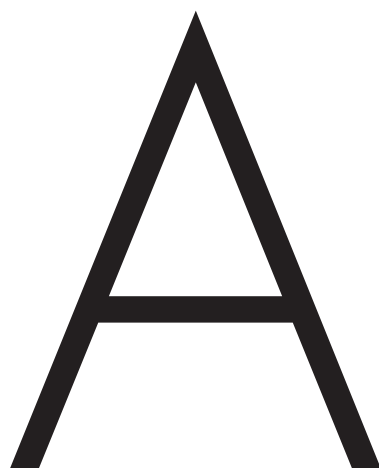
Está patente na Biblioteca Nacional de Portugal, ao Campo Grande, uma exposição de livros pop-up que cruzam alguns dos títulos da coleção de Catarina Figueiredo Cardoso e André Garcia Pimenta. "A Saltar do Livro. Livros Pop-Up" apresenta mais de setenta objetos, entre livros, maquetes, provas de cor e esboços. Referências como os editores oitocentistas Ernest Nister e Raphael Tuck, o icónico artista checo Vojtech Kubasta ou a dupla contemporânea Robert Sabuda e Matthew Reinhart são presença obrigatória.

Quando se entra no corredor da Biblioteca Nacional, o primeiro impacto soa a desilusão: não há como manusear os livros, sentir o espanto do mecanismo surpreendente, passar as páginas, ouvir o som do papel. Todos estão expostos em vitrines, umas de parede, outras de chão. «Não havia outra forma.», afirmam os curadores e também colecionadores. Para além do pó que apanhariam durante os três meses que dura a exposição e que degradaria os mecanismos de dobragem e o próprio papel, haveria ainda o risco de roubo e destruição.

Uma exposição implica sempre algum dinheiro e André Garcia Fernandes e Catarina Figueiredo Cardoso fazem-na por amor à camisola. A BNP cedeu o espaço e as vitrines, algumas concebidas propositadamente. Mas os curadores não foram alheios a estas limitações quando conceberam a mostra. Por isso consideraram a possibilidade de apresentarem dois exemplares de alguns livros, que ambos têm nas respetivas coleções pessoais, para que o visitante pudesse ter uma ideia do livro aberto e fechado. Mas tal também não se verificou por limitações de espa-

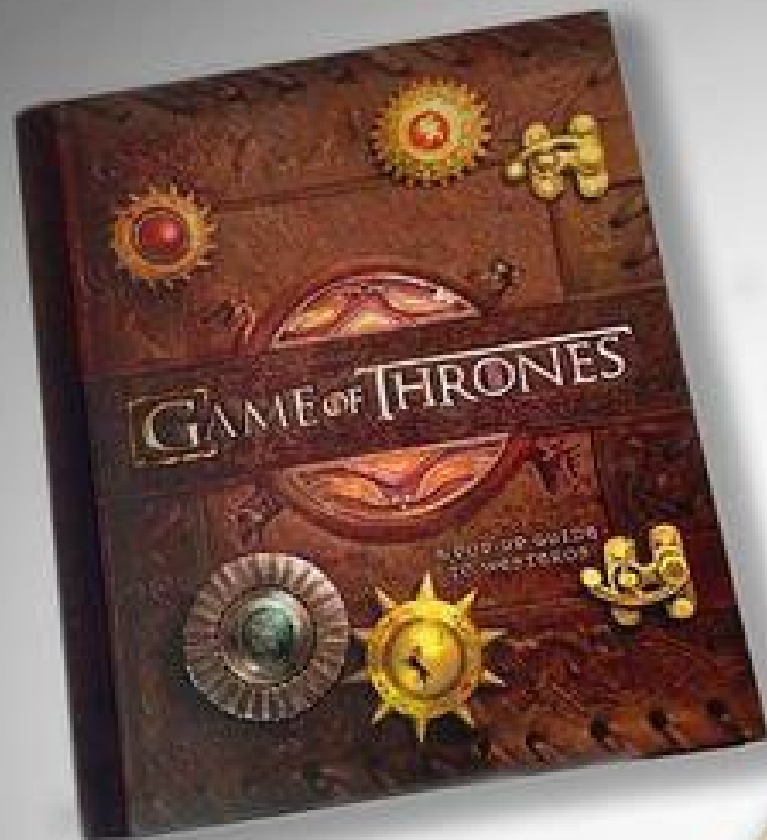
LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

ço, aquela que foi uma das suas principais angústias: a necessidade de serem muito rigorosos e sumários na escolha final. Catarina Figueiredo Cardoso acrescenta que a primeira seleção teve de ser reduzida quase a metade. Por outro lado, levantava-se a questão da escolha da página onde abrir o livro: o que mostrar.



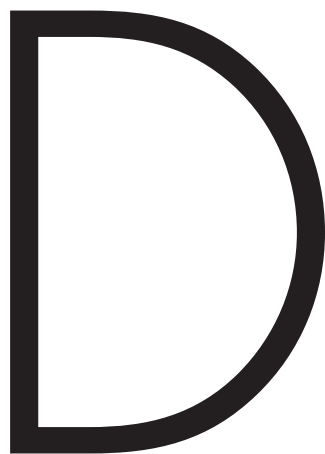
qui começa o espanto. Apesar de não se poderem folhear os objetos, cada um deles tem algo a oferecer, com maior exuberância ou de forma mais discreta.

O que provavelmente mais se destaca e salta imediatamente à vista é o extenso mapa representativo da saga *A Guerra dos Tronos*, da autoria de Matthew Reinhart. Lugares, personagens, detalhes simbólicos, tudo consta naquele pop-up que traz consigo um manual de instruções para desdobrar e voltar a dobrar, por outras palavras, para abrir e fechar. O mapa foi pensado para ser visualizado de qualquer ângulo, para ser percorrido demoradamente e por isso todos os espaços estão preenchidos. Não há papel em branco ou apenas com um fundo de outra cor, como acontece em outros livros pop-up. André Garcia Pimenta explica a complexidade desta obra, que recorre a programas de computador para calcular com exatidão os cortes de forma a que os elementos tridimensionais (que são muitos) se ergam ao abrir as páginas. Para além disso, Reinhart recorre à técnica dos pontos de cola, que ajudam a fixar elementos mas resultam numa produção muito mais demorada. De acordo com dados de outras produções, o colecionador estima que para montar um livro como *Game of Thrones: a Pop-Up*



LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

Guide to Westeros é precisa uma equipa com o mínimo de 2000 pessoas, que montam todo o livro manualmente numa linha de montagem. André Garcia Pimenta esclarece que apesar de toda a evolução técnica que se pode observar na criação de pop-ups, desde o corte em gráfica aos programas vetoriais, não há mecânica que consiga ainda montar os livros. Seja um, sejam milhares de exemplares, todos têm de ser dobrados e, no caso específico deste mapa, colados à mão. Só uma editora com muita capacidade financeira pode investir num processo tão demorado e dispendioso. No entanto, quando se trata de blockbusters, como aconteceu com outros livros pop-up de Reinhart – *Star Wars: a Pop Up Guide to the Galaxy*; *Star Wars: a Galactic Pop-Up Adventure*, *Transformers: The Ultimate Pop Up Universe* ou *DC Super Heroes: The Ultimate Pop-Up Book* – o investimento não só é viável como compensa bastante.



Dois exemplos estão disponíveis um pouco mais à frente, no terceiro núcleo da exposição, dedicado ao processo de criação. São eles uma maquete de *Darth Vader* e um exemplar do livro *Star Wars: a Pop Up Guide to the Galaxy*.

No mesmo núcleo temático, o «engenheiro de papel» faz-se acompanhar do seu mentor Robert Sabuda, representados pelo livro *Encyclopedia Mythologica: Dragons & Monsters*, em três momentos distintos: cinco folhas de produção, o miolo e finalmente o objeto. Para além de partilharem o estúdio onde desenvolvem as suas criações, os dois engenheiros têm também a trabalhar com eles uma equipa altamente especializada, do ponto de vista técnico e artístico.

CIRCUS LIFE, KUBASTA, 1960



LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

Recuemos no corredor.

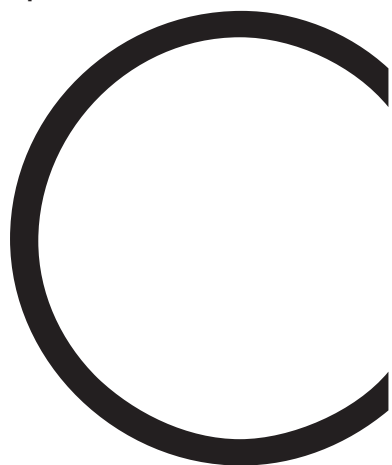
Se o livro-pop up sobre os lugares da saga *A Guerra dos Tronos* impressiona qualquer um, e os curadores puderam comprová-lo quando os funcionários da biblioteca passavam e paravam, comentavam e se deleitavam, este não é o único livro pop-up deslumbrante da mostra. Há carrosséis que se observam a 360 graus, abecedários e numerários, teatros, até um relatório de contas de uma seguradora que resolveu inovar e surpreender na viragem para o séc. XX.

Nesse primeiro núcleo da exposição, onde se traça uma história sumária dos livros pop-up, um é paradigmático: *Pinocchio*, editado em 1932 pela editora americana Blue Ribbon. Para além da figura tridimensional que logo se apresenta quando se abre uma das primeiras páginas do livro, o próprio livro é um marco na história deste tipo de objeto.

Os livros pop-up são um subgénero dos livros mecânicos, que os antecedem em alguns séculos. Janelas, rodas e outros mecanismos que se escondem ou deslizam nas páginas começaram a aparecer em livros algures entre o século XV e XVI com propósitos científicos ou de investigação. Astronomia e anatomia são duas das áreas em que se encontram livros mecânicos mais antigos. O livro pop-up *strictu sensu* aparece no século XIX. Importa clarificar que esta técnica se define como o surgimento de uma figura tridimensional que resulta da abertura de uma página dupla. É precisamente desta definição que surge o título da exposição: «A Saltar do Livro». Ora à época eram os vitorianos quem dava cartas num investimento claro na educação das crianças da classe alta inglesa. Nesse sentido, dois editores fizeram nascer os primeiros pop-up destinados aos mais

LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

novos, reproduzindo o seu quotidiano, modelos de comportamento e momentos lúdicos. Ernest Nister e Raphael Tuck merecem por isso o primeiro olhar do visitante. As ilustrações vintage, a definição da cor e uma presença muito grande do texto são as marcas identitárias destas edições, sediadas em Inglaterra mas produzidas na Alemanha, onde se dominava a técnica de impressão da cromolitografia, um antecessor do offset que implicava a impressão sobre pedra, na qual era aplicada cor. A vantagem deste processo resultava precisamente na qualidade de impressão, já que se usavam mais cores, provavelmente cerca de oito, dado que ainda se desconhecia a quadricromia.



Com a 1.ª Guerra Mundial, a produção de livros pop-up praticamente desapareceu na Alemanha e a sua edição no Reino Unido entrou em pouso. Em vésperas do *crash* da Bolsa em Nova Iorque, que resultaria na Grande Depressão, um homem, de seu nome S. Louis Giraud, começa a lançar um anuário para crianças no *Daily Express*, jornal onde trabalha. Depois, chama Bookano à coleção que resiste à 2.ª Guerra Mundial e conta histórias sobre fadas, castelos, animais, viagens e profissões. Também há abecedários e animalários. O que têm esses anuários de extraordinário?

São livros pop-up em que as figuras tridimensionais aparecem a espaços, ilustrando com cores vibrantes cenários e passagens narrativas essenciais. O n.º 4, assim como o ABC, ambos datados de 1932, podem ser vistos nas primeiras vitrines do corredor.

DAILY EXPRESS CHILDREN'S
ANNUAL N°4,
S. LOUIS GIRAUD, 1932



LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

É também em 1932 que a editora nova-iorquina Blue Ribbon edita *The Pop-Up Pinocchio* de Harold Lentz dando à luz a designação final desta técnica, que até então assumia várias designações, entre as quais a de livro mecânico. Mas não só. Esta aposta de risco, que nasce da necessidade de reagir à crise e ao decréscimo de vendas de livros, faz nascer um *bestseller* e um interesse progressivo por esta técnica.

No entanto, é do lado europeu do atlântico que se destaca um nome que ficou conhecido como o pai dos livros pop-up modernos: Vojtech Kubasta. O artista checo criou diversas obras de qualidade inequívoca, recorrendo apenas ao recorte e à dobragem. A ilustração fulgurante associada a uma ampla paleta de cores vivas e a cenários plenos de subtilezas de movimento fazem dos livros de Kubasta verdadeiros ícones da história do pop-up. Um dos mais conhecidos, *Circus Life*, parece um palco para onde o leitor salta, na esperança de puxar ou empurrar uma seta que ainda o vai surpreender. É a dimensão lúdica das criações de Kubasta, aliciante e encantatória, que fez escola no mundo inteiro, inclusivamente nos E.U.A que não conseguiam, durante as décadas de 60 e 70, que os livros lá chegassem diretamente da Checoslováquia. *Circus Life*, assim como *Moko and Koko in the Jungle*, *Tip+Top+Tap – Op Het Schip*, *Les Trois Souhais* e *Four Wheels to Carry Us* também podem ser vistos.

LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

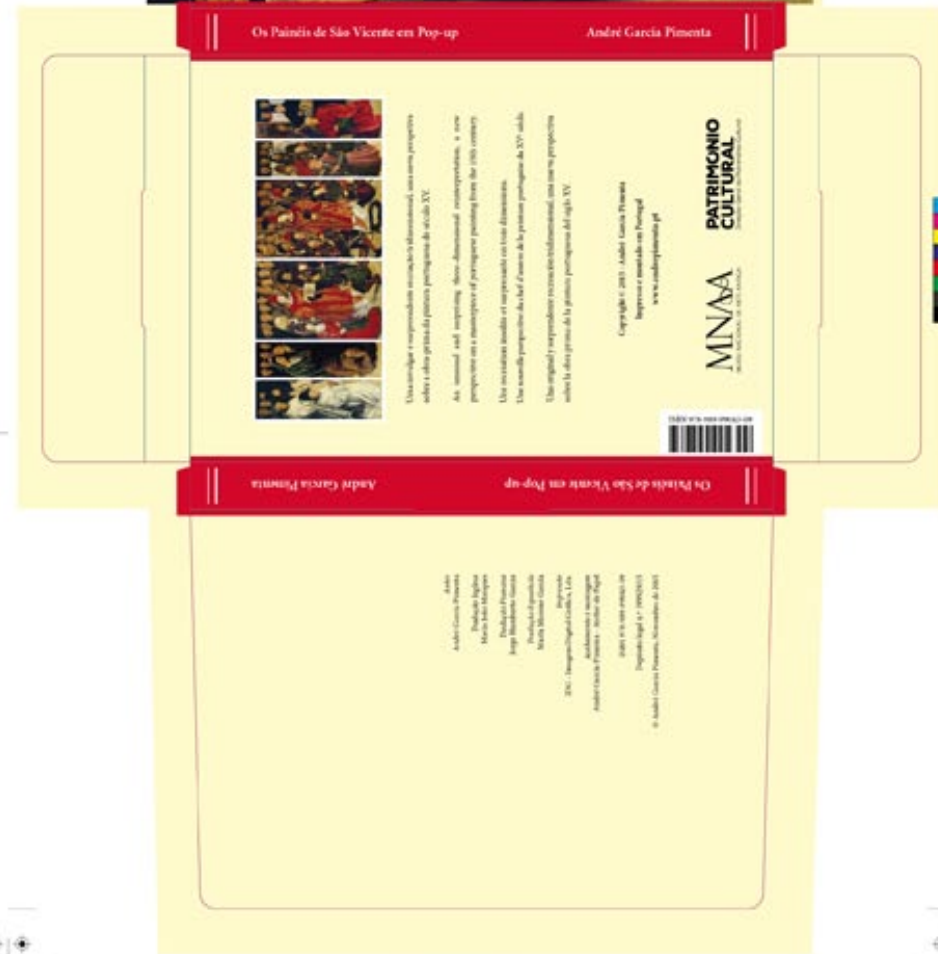
Entrando no universo contemporâneo, e na segunda ala da exposição, a preocupação dos curadores foi dar ao visitante uma panorâmica vasta do livro pop-up, que vai do *blockbuster* ao livro de artista. Phillipe UG e Jean-Charles Trebbi são dois exemplos magnos da escala de produção que um destes livros pode ter, e do que o pode tornar único. Para além da produção de um único exemplar, há pormenores, como em *Porte de Villages*, de Trebbi, em que a colaboração de Diane de Bournazel com a pintura da porta a aguarela torna aquele livro único.

É também o que acontece com duas autoras portuguesas que criam livros de artista. Ana Terêncio e Catarina Leitão são as únicas, neste universo, que em algum momento conceberam livros-pop up. Por isso os curadores dedicam-lhes uma vitrine.

Para além delas, só mesmo André Garcia Pimenta, escultor de formação e designer de profissão, para além de colecionador, se dedicou a este desafio técnico e artístico. No seu caso, o projeto assumiu outras proporções porque o autor não teve a intenção de fazer um livro único e sim uma edição maior. A conclusão a que chegou, depois de ter realizado os Painéis de S. Vicente em Pop-Up é que mais do que 120 exemplares, numa edição de livro de artista, não compensa. Já a fase criativa, considera-a uma experiência muito interessante. Para transformar os retratos dos elementos da sociedade portuguesa da época, segundo o traço de Nuno Gonçalves, num conjunto de figuras tridimensionais, viu-se perante vazios de ilustração. Nos painéis, alguns homens, posicionados mais atrás, estão parcialmente tapados. Para contornar esta limitação,

PAINÉIS DE S. VICENTE,
ANDRÉ GARCIA PIMENTA





LIVROS POP UP NA BIBLIOTECA NACIONAL

André Pimenta utilizou os próprios desenhos do pintor renascentista, aproveitando por exemplo partes de mantos ou outros pormenores. A sua premissa era justamente não intervir na ilustração nem tentar imitá-la. A autoria do desenho manteve-se assim integralmente e o que mudou foi a perspetiva com que o leitor a vê. Outro elemento que André Pimenta considera importante destacar é a fase de corte do papel. Por isso se expõe, ao lado de duas folhas de produção do livro e do objeto final em duas edições distintas, um painel com todos os cortantes inseridos, de forma a que o papel, depois de impresso, seja recortado nos pontos certos para fazer o efeito necessário depois de montado. O designer elogia a qualidade deste trabalho técnico e chega a afirmar que a empresa que os produz será a melhor do país, quem sabe até se da Península Ibérica. O mais moroso e delicado são os acertos que é preciso fazer. Com um livro pop-up o trabalho gráfico não se limita às provas de cor. Também é preciso acertar a geometria dos cortes e nisso demoram-se várias horas e perdem-se muitas folhas de papel. Depois, o corte é rápido porque a máquina tem capacidade para várias centenas de folhas de cada vez.

Estamos no final da exposição, no núcleo dedicado precisamente ao *making of*. Ao lado do Infante D. Henrique, *Darth Vader*. Porque a cronologia limitaria uma visão que se deseja mais global do que meramente descritiva da história deste livro-objeto.

Dos curadores fica o desejo de voltarem a criar, em breve, nova mostra, agora dedicada aos livros mecânicos.

AND THE WINNER IS...

CILIP AWARDS, GRÃ BRETANHA

Prémios anuais atribuídos por um painel de bibliotecários que contam com a participação de grupos de leitores infantis e juvenis. Carnegie Medal (para texto): *One*, de Sarah Crossan, novela juvenil que relata a história de duas irmãs siamesas, juntas pela anca. Kate Greenaway Medal (para ilustração): *The Sleeper and the Spindle*, de Chris Riddell, adaptação do conto tradicional *A Bela Adormecida* com texto de Neil Gaiman.

PRÉMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO, ESPANHA

Javier Saez Castán, autor, entre outros, de *o Animalário Universal do Professor Revillod* e de *O Lanche do Senhor Verde* (ambos editados em Portugal pela Orfeu Negro) foi galardoado com o prémio máximo da ilustração espanhola, atribuído pelo Ministério da Educação, Cultura e Desporto. Criatividade, talento narrativo e capacidade para criar novos mundos que se contaminam, foram atributos que o júri reconheceu ao ilustrador.

THE BOOKTRUST LIFE- TIME ACHIEVEMENT

Anualmente, a associação não governamental britânica BookTrust, que promove a leitura, distingue um autor pelo seu contributo extraordinário à literatura infantojuvenil. Em 2016, foi laureada Judith Kerr, que recebeu o prémio no Zoo de Londres, local simbólico para a escritora cujo primeiro título foi justamente o bestseller *O Tigre que veio para lanchar*, editado em Portugal pela Kalandraka.





VISITA GUIADA

ANDREIA BRITES

A editora 20|20 avista-se da nacional 117, já no concelho da Amadora.

Nascida em 2009, foi passado três anos que se instalou naquele complexo de edifícios empresariais. Mas, como nos conta a coordenadora editorial Ana Afonso, noutro espaço à época muito confortável para o número de pessoas que constituíam a equipa. Em quatro anos, a dimensão da editora obrigou a nova mudança, para este escritório.

Assim que entramos, deparamo-nos, ainda no hall, com um escaparate com as novidades editoriais do grupo, onde cabe a Booksmile, a Nascente, a Topseller, a Vogais e a Elsinore. Cada uma se destina a leitores específicos cumprindo o objetivo magno dos seus mentores, Manuel de Freitas e Ana Afonso: editar livros de qualidade para o grande público.

Quando entramos na sala de reuniões, confirmamos que a Booksmile ocupa um papel preponderante na estratégia da 20|20. A sala onde se discutem planos editoriais, se negoceiam compras de direitos ou estratégias de vendas e comunicação também recebe quem necessite de um momento de isolamento para se dedicar à leitura. Ali, para além da mesa de trabalho estão disponíveis todos os títulos publicados até agora, organizados em prateleiras por editora, com destaque para a Booksmile. Não é difícil perceber porquê.

Ana Afonso conta-nos ali a história deste projeto que nasceu em 2008, quando Manuel de Freitas decidiu fundar uma editora e visitou a Feira de Frankfurt. Era preciso dar uma ordem à profusão de informação e catálogos que trazia na bagagem de regresso e o atual diretor geral da 20|20 contratou a Booktailors para lhe apresentar um estudo de mercado e uma estratégia editorial.

Tudo apontava para o livro ilustrado e assim se arrancou. Manuel de Freitas contratou Ana Afonso, que trabalhava na edição de livro escolar havia doze anos e em abril de 2009 a Booksmile lançou o seu primeiro título: *Galope*. A compra da Vogais & Cp^a. a Mário Moura acontece depois e é a partir de então que se reorganizam

VISITA GUIADA: BOOKSMILE

os catálogos no sentido de se clarificar perante o retalho e o leitor quem edita o quê e para quem. Mas na génese do projeto está a Booksmile.

Quando entramos no openspace reparamos num Banana aflito pintado numa das portas das casas de banho. Por todo o lado há posters e escaparates com a personagem. Mas há mais. O autor bestseller James Patterson é um autor muito querido a Ana Afonso, que o editou pela primeira vez em Portugal. O seu sentido de humor sarcástico que resulta da observação crítica do mundo e de si próprio faz as delícias da editora que confessa ter tido algum receio quando lançou *Escola, os Piores Anos da Minha Vida*. O título poderia causar relutância nos adultos, pais e professores. O sucesso prova o contrário.

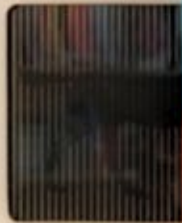
Seguimos pelo corredor e sentamo-nos nos sofás junto ao gabinete de comunicação. Há uma máquina de café, cadeiras e mesas. A conversa continua quando de repente aparece a mascote da editora: Joy, um gato amarelo que desfila por todas as salas quando lhe apeteçam mimos. Há que ter sempre atenção às portas, para evitar evasões. Susana, uma das editoras da Booksmile, cruza-se connosco. Vem de uma reunião e traz um exemplar de *Minecraft* na mão. O licenciamento desta marca, assim como da Lego, é outro trunfo.

Continuamos. Ao fundo estão os editores das várias chancelas, separados por estantes de livros com originais, provas, propostas para edição e títulos publicados. Temos ainda tempo para visitar o armazém no andar inferior. O problema do espaço agudiza-se, o que obriga a um grande controlo no número de exemplares previstos para cada edição.

Antes da despedida, Ana Afonso mostra-nos o seu gabinete, que ainda não teve tempo de arrumar na totalidade. Entre livros, uma dedicatória especial escrita num jantar em Bolonha, quando os editores de vários países puderam conversar mais informalmente com a autora da coleção Tom Gates, Liz Pichon.

A editora observa e sorri.

GALO



Ein Scanimation
Tiere, die sich echt



RUFUS BUTLER

GALOPE!



Um Livro Scanimation®

Porquê tanta excitação?
ANIMAIS em acção!

RUFUS BUTLER SEDER



PE!



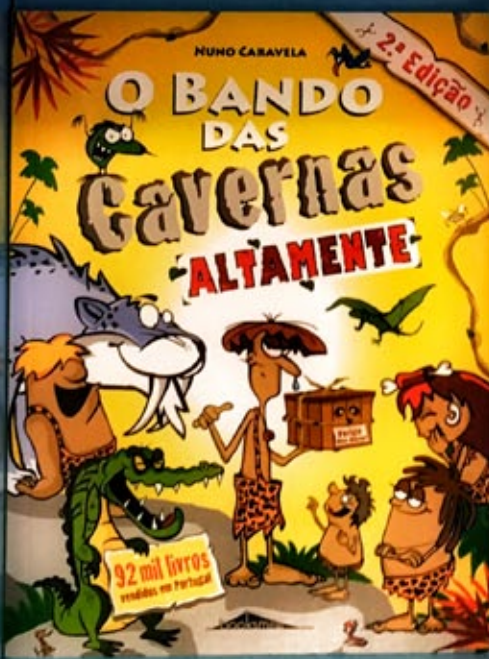
animation®

ção?



SEDER





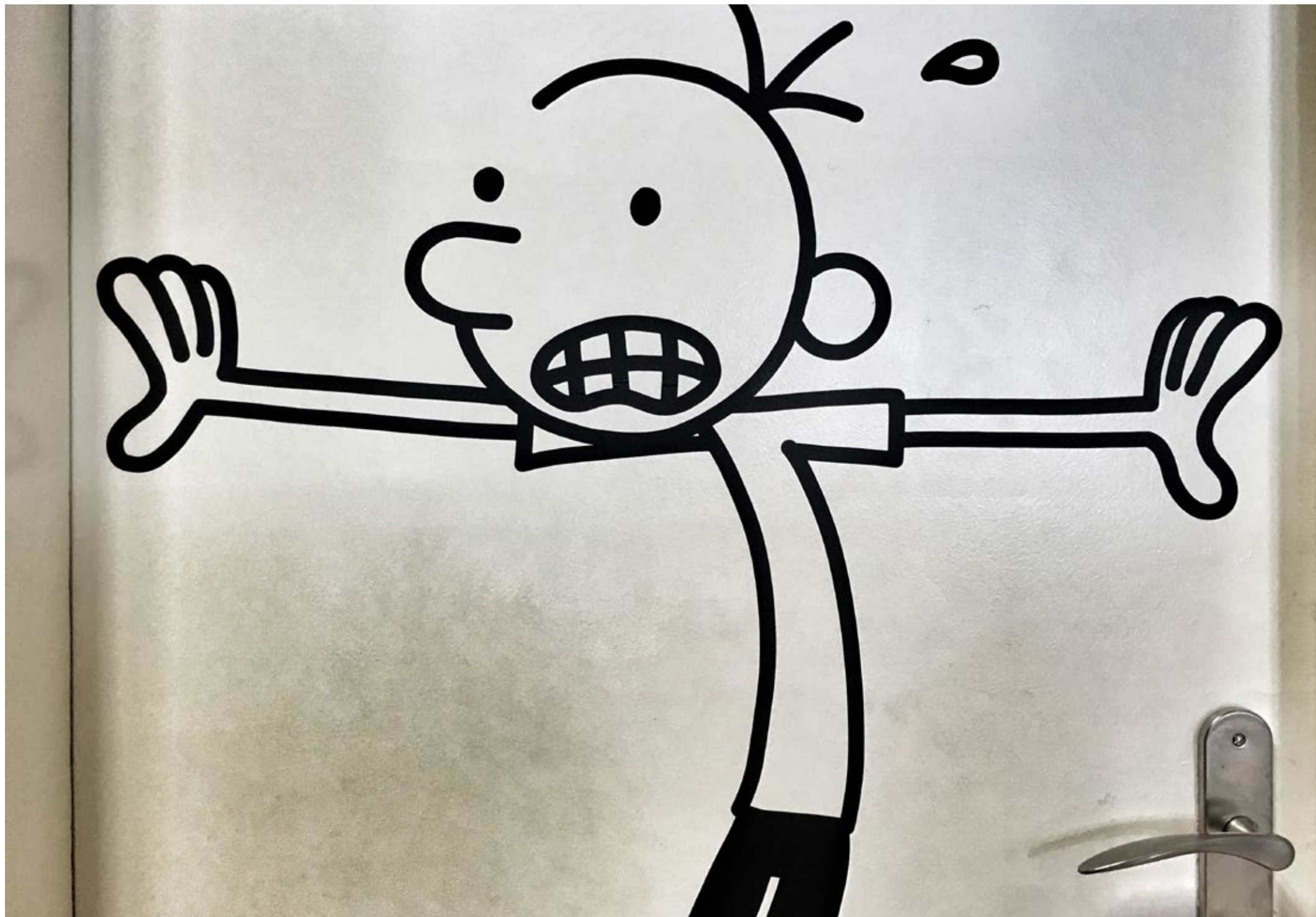














ANDRÉ
CABELO-EM-PÉ





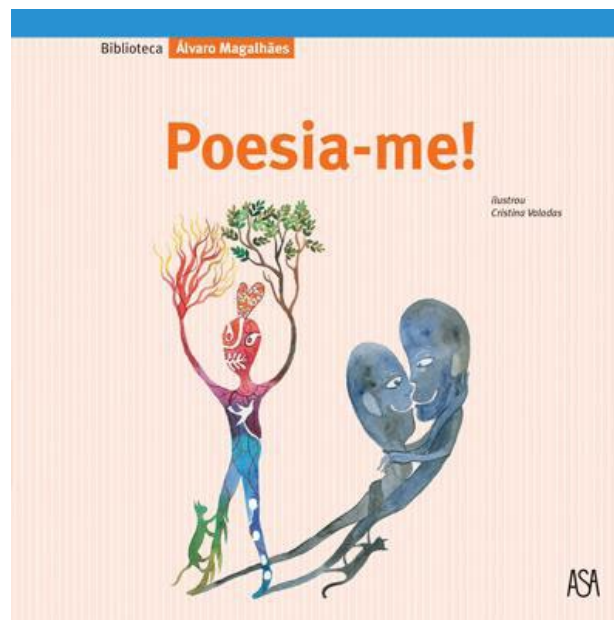
Poesia-me!
Álvaro Magalhães
Asa

No seu mais recente livro de poesia, Álvaro Magalhães recupera a perspicácia com que observa o mundo. Convoca perspetivas inusitadas e compara o aparentemente incomparável, provoca o espanto e o reencontro.

A harmonia do verso é por vezes abandonada em favor de uma aproximação ao leitor que acontece através de interpelações ou comentários. Estruturas sintáticas mais longas criam um efeito dialógico de partilha e até de simultaneidade entre o que o sujeito poético sente e o que dá a sentir ao leitor.

A abrir apresenta-se uma poética em tom de pacto: o texto que desafia o leitor a deixar-se poeiar: «Ficas em modo poético, digamos assim. A partir de aí, não respondo por mim. Já caçaste uma alegria em pleno voo?(...)» E o leitor aceita: «Dá-me um grão de um grão de vento, um arco de ouro, um astro mudo, todas as palavras que uma palavra tem e poesia-me até ao fim do tempo, de tudo. Depois, também.»

A partir daqui está criado todo um programa de transfiguração do real num universo mágico sempre marcado pela inexorabilidade do tempo. Os temas são aparentemente vários, mas mudam sobretudo os sujeitos poéticos que tanto



se manifestam sob a forma de uma flor como de uma pessoa. Logo no segundo poema, o amor, a morte e a vida são introduzidos como os grandes mistérios que a poesia habita sem descodificar.

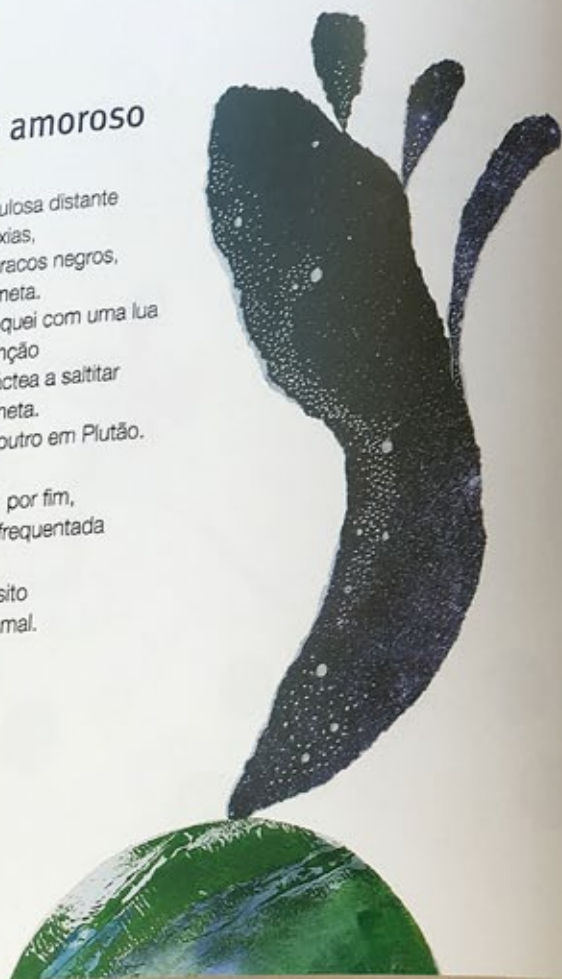
E assim se vão entretecendo os versos, equilibrando infinitos interiores com dimensões avassaladoras como acontece em «O fim do mundo», cujo verso final cria um efeito de perspetiva inesperado: o tempo do mundo e o tempo do namoro.

Justamente o tempo, tema caro ao autor, continua a perpassar as composições, marcando um ritmo silenciosamente omnipresente: o ciclo de um dia, a vida e a morte, o tempo interior. Ao tempo Álvaro Magalhães associa a ironia dos limites e das possibilidades, muitas vezes alicerçadas no discurso, como acontece na relação «Entre mim e o meu gato», em «O velho poeta» ou ainda em «A Rua das Musas». Um outro elemento essencial deste triunvirato programático é a identidade. O eu que se liberta no poema e pelo poema, como se propõe de início, deve tornar-se um eu consciente e observador, integrado nas idiossincrasias do mundo. Mesmo que tudo se passe através de uma janela.

Encontro amoroso

Vim de uma nebulosa distante
e atravessei galáxias,
constelações, buracos negros,
a cavalo num cometa.
Não sei onde choquei com uma lua
a que não dei atenção
e cheguei à Via Láctea a saltitar
de planeta em planeta.
Um pé em Marte, outro em Plutão.

E aqui te encontrei, por fim,
numa periferia mal frequentada
do espaço sideral,
neste planeta esquisito
onde ainda me dou mal.



12

A quinta estação

No inverno, namora com um vulcão;
no verão, com um glaciar.

Terás o teu próprio Boletim Meteorológico,
muito melhor e, também, muito mais lógico.

Cada dia será sempre um belo dia
e nunca mais terás frio nem calor,
só uma certa falta de ar
e uma espécie de aflição
(mas isso é o teu coração,
que se está a habituar).

Não tarda, também ele canta e ri.
É sempre assim na quinta estação,
algures, dentro de ti.



13

Mana foi o projeto vencedor da primeira edição do Prémio Internacional de Ilustração de Serpa para álbum ilustrado. Neste *patchwork* de memórias da infância, Joana Estrela capta com notável equilíbrio a relação entre uma irmã mais velha e outra mais nova. Recorrendo à tipologia epistolar, o texto ilustra as tensões e inevitáveis aproximações entre as duas crianças, do ponto de vista da mais velha. Não se limitando a uma sucessão de enumerações, cria uma linha temporal que se inicia com o humor do senso comum. Se é comum que os adultos considerem que alguém parece destoar no quadro familiar, porque não é parecido com o pai ou a mãe, tem gostos ou comportamentos que aparentemente não derivam de uma influência direta, não deixa de provocar um sorriso levar a imagem à letra e justificar essa diferença com uma argumentação como esta: «Os aliens abandonaram-te porque és muito chata.»

Desde logo se traça o enquadramento familiar e a implicação da protagonista na relação com a caçula: é ela quem lhe escolhe o nome, é ela quem nota que ninguém o adota. Outra situação recorrente. O álbum está pejado disso: pequenos nada que constroem afetos e memórias. Das viagens de carro aos brinquedos, das roupas às doenças, tudo circula em torno desse permanente ajustamento no espaço e na apropriação de objetos e momentos simbólicos. Depois de um clímax de confronto físico, em que um ato de resposta pode surtir um efeito positivo — "Mordeste-me o braço. Arranquei-te um dente." — o texto desvia-se do rol de queixas para

Mana
Joana Estrela
Planeta Tangerina



uma reflexão sobre a condição fraternal e a sua aceitação. Todavia, apesar do tom emocional, há um *post scriptum* sugestivo mesmo no fechar do pano que reajusta novamente a relação: por muito amor e cumplicidade que se estabeleça, haverá sempre um conflito irritante e irrisório. Logo nas guardas se começa a lê-lo, começando na ordem e acabando no caos.

Se o texto se desenrola de forma linear, as

soluções visuais que a autora encontra ampliam o efeito humorístico e afetivo através desse *patchwork* de fundos, técnicas e detalhes. Há folhas de bloco coladas com fita adesiva, duas pranchas de banda-desenhada domésticas que relatam acontecimentos extraordinários, algumas páginas com fundos de outra cor, como a azul que apresenta o universo, onde se vislumbra a nave de extraterrestres que abandonará a irmã. Há desenhos de infância, contornos a preto que não são respeitados pelo lápis cor-de-rosa, folhas de cadernos quadriculados e de linhas. E sobretudo há uma variedade de ângulos que respeitam as dinâmicas físicas e relacionais das duas irmãs: o braço enorme que a boca está prestes a trincar, o grande plano do perfil das duas para confirmar a semelhança dos narizes, as pernas que derrubam as construções no chão ou as mãos de ambas, cada uma com um boneco, e uma visão superior do leitor, privilegiada para o momento de cumplicidade e brincadeira. Há detalhes que recriam as marcas do uso, como na folha de papel reciclado, ligeiramente amarrotada e com vestígios de tinta que esborrataram na página seguinte. O traço da autora é sempre o mesmo, mas tudo o que lhe acrescenta oferece novas camadas de leitura.

Há neste livro qualquer coisa de singelo e íntimo, associado a uma ideia muito bem trabalhada: a do que é ter irmãos. Cedências e incómodos tão inevitáveis quanto esse sentimento de quem partilha brigas e brincadeiras traduzidas em história e memória comum.

Não sabes falar como deve ser
e no entanto nunca te calas!



Demos-te as roupas que
já não me serviam,



mas preferiste
as do pai.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

saramaguiana

VIAAGEM A PORTUGAL

PILAR DEL RÍO

Viagem a Portugal é um livro, mas é também uma porta. Para os leitores será uma entrada para um país e uma cultura. Para o autor foi o passo definitivo para a escrita. Simplesmente.

No final de 1970 Saramago tinha alguns livros publicados: crónicas, poesia, contos e dois romances (*Manual de Pintura e Caligrafia* e *Levantado do Chão*). Tinham sido escritos por Saramago, lidos por algumas (poucas) pessoas, recebido boa crítica e nada mais. Teriam tido o mesmo destino que muitos outros livros, o de dormir o sono dos justos na biblioteca dos amigos, se não tivesse acontecido um facto fundamental na vida de Saramago e dos leitores que o esperavam, ainda que não o conhecessem: o Círculo de Leitores de Portugal fez-lhe uma encomenda de um guia turístico, ideia que Saramago recusou imediatamente, embora tenha feito uma proposta alternativa. E se fosse um livro de viagens por Portugal? Ou melhor, um livro sobre uma viagem a Portugal, não necessariamente ao país dos cartazes de propaganda turística ou dos postais das lojinhas de *souvenirs*. O Círculo de Leitores – livraria virtual decisiva num país e numa época em que faltavam as tradicionais livrarias – aceitou, publicou o livro e pagou por ele. Pagou tão bem que com esse dinheiro Saramago pôde escrever, sem a necessidade de ter simultaneamente que fazer (as nem sempre estimulantes) traduções. Escreveu o romance que seria a sua revelação definitiva, *Memorial do Convento*. É por isso que *Viagem a Portugal* é, além de um livro, uma porta. Falta dizer que Saramago a cruzou e se estabeleceu no território da literatura sem outras distrações a não ser as derivadas da sua condição de homem e cidadão. Algumas encomendas podem ter essa virtude.

Viagem a Portugal não é o livro mais lido de Saramago. Quando um escritor escreve bons romances – maravilhosos romances – o restante da sua obra padece de falta de luz, como acontecia com a minha aldeia há anos. A poesia, as crónicas, o teatro, os contos, as viagens vão vivendo a sua vida à margem dessa energia continua que é o romance, ainda que se beneficiem de certos resplendores que os iluminam – por isso os vemos publicados com maior ou menor sorte. Ainda que injusto é assim, ainda que haja livros como Viagem a Portugal, que podem justificar uma vida toda.

O viajante sai de Portugal para entrar no seu país com olhos novos. Das mil viagens possíveis escolhe uma, a sua viagem, o seu selo, a sua forma de estar no mundo. Escolhe as pedras pequenas, como as do poema de León Felipe, os caminhos pelas aldeias, e dos monumentos descobre o detalhe e a força, mas nunca se esquece das mãos que os ergueram e o suor dos homens que os construíram. É a viagem de Saramago, que para aonde tem vontade, na beira de um rio que ainda não foi contaminado, na igreja que não figura em nenhum guia mas que guarda uma escultura que emociona, na casa que cheira a comida recém-preparada, luxo supremo para sempre vedado aos palácios. Saramago entra em Lisboa, cidade grande e de muitas cores, como dizia Pessoa, mas entra com o olhar do escravo cuja sinistra coleira é descoberta no Museu de Arqueologia: «Este negro é de Agostinho de Lafetá de Carvalhal de Óbidos». Porque foi dessa forma que um homem ali entrou. Porque muitos homens entraram assim nas cidades. Porque não convém que se esqueça essa perspetiva salvo que se aceite o papel de simplificador, ou seja, de pessoa que vendo não vê.

Saramago levanta um país no seu livro. É um mapa vivo, com gente que se move, que vem do passado ao presente ou circula por este tempo, cada um com a sua bagagem, com os seus sonhos e os seus pesares. E o mapa está povoado de casas, de rios e de caminhos. Tem igrejas porque os homens ou o poder delas necessitam, e essas igrejas estão cheias de sentimentos que o viajante ouve para entender a sua história. Vai de Norte a Sul, de Leste a Oeste, como a sua personagem Blimunda percorre todas as terras e descobre que Portugal não é grande, às vezes foi tão pequeno que os seus homens tiveram que ir embora deixando instalada a saudade nos seus antigos lugares, lindas e duras aldeias transmontanas, desabitados os portos, salgada a água de tantas lágrimas, dos que foram e dos que ficaram. Esperando.

Mas não pensemos que viajar é só seguir estradas, parar, ver o sol ou a chuva, acariciar um cão ou partilhar uma conversa. Não é só entrar em grandes cidades, em museus semi-desertos ou cruzar altas pontes. A viagem também é para dentro, até às primeiras palavras aprendidas em Azinhaga e agora escutadas novamente, até ao cheiro das oliveiras a serem varejadas, até à textura das lembranças mais profundas e mais verdadeiras. Olhar e ver é ver-se a si mesmo. O olhar delata o viajante nas suas opções, nas suas emoções e nos seus desgostos. O viajante não necessita de se explicar para estar explicado, e é por isso que este livro, que é uma viagem a Portugal, é também uma viagem a Saramago. Ainda que o autor não fale de si, ainda que não apareça nenhum dado pessoal, Viagem a Portugal é o retrato possível do homem que escreve e do país escrito. E ainda mais: é a última imagem de um certo país que a cada dia se esfuma mais na espessura da modernidade globalizada.

Transitando por este jogo de portas que sempre se abrem, descobrimos um homem e um país, mas também descobrimos o perfil da melhor literatura.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



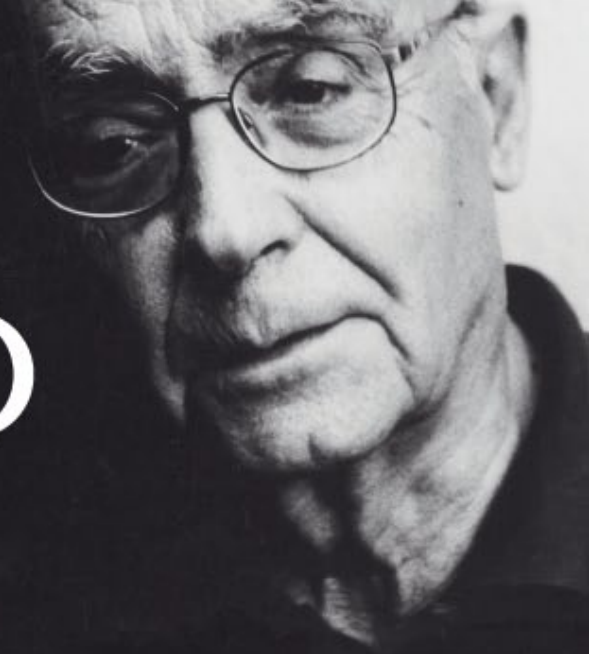
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



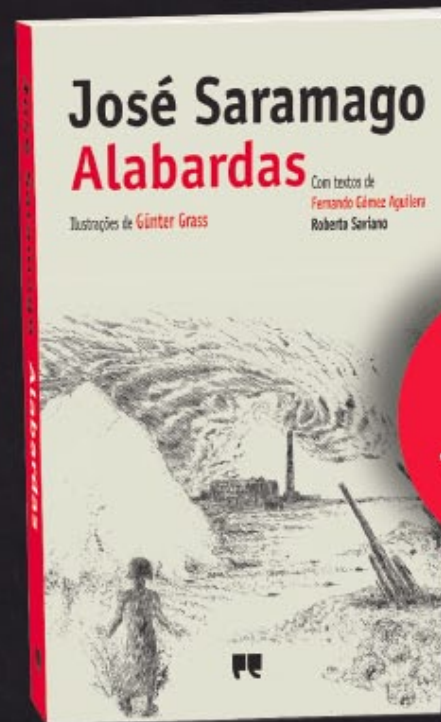
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

A Casa José Saramago

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



J
U
L
H
O

até
24 jul

**As ruas contam
que. Narrativas
gráficas
colectivas**

Exposição de
desenho, banda
desenhada,
ilustração,
impressão e
outros trabalhos
produzidos pelos
colectivos Oficina
Arara (Portugal), O
Botafumeiro (Galiza)
e Club del Dibujo
(Argentina).
Zona "C", Santiago
de Compostela.

→

até
30 jul

**Festival
de Música da
Póvoa
de Varzim**

38.ª edição
deste festival
internacional,
apresentando
concertos com
orquestras, grupos
de câmara e
outras formações
que interpretam
repertórios
clássicos, antigos e
eruditos.
Vários lugares,
Póvoa de Varzim.

→

até
31 jul

**Consertam-se
imóveis**

A partir do universo
literário de Julio
Cortázar, Keli
Freitas assina
a dramaturgia
levada à cena
pela companhia
residente do Teatro
Poeira.
Teatro Poeira, Rio
de Janeiro.

→

até
31 jul

El Grec

Edição que assinala
os 40 anos deste
festival de teatro e
artes performativas
de Barcelona,
apresentando um
programa centrado
no teatro mas com
algumas derivas
para outras artes.
Vários lugares,
Barcelona.

→

até
13 ago

**Glorioso Verão
– Festival
Shakespeare**

Uma parceria entre
o Teatro S. Luiz e
o Teatro Nacional
D. Maria II celebra
os 400 anos de
William Shakespeare
com espetáculos
e outras
performances em
vários espaços de
Lisboa.
Vários lugares,
Lisboa.

→

**até
15 ago**

Wifredo Lam

Exposição retrospectiva do pintor cubano que cruzou as referências modernistas da pintura europeia com as influências de África e do Caribe.
→

**até
31 ago**

Sol Poniente

Mostra das pranchas originais que J. López Cruces criou para o livro homónimo, publicado pelas Edicions de Ponent. Livraria Panta Rhei, Madrid.
→

**até
31 out**

Eu não evoluo, viajo

Exposição retrospectiva do trabalho do pintor José Escada, acompanhando-lhe o percurso artístico desde meados da década de 1950 e mostrando trabalhos em diferentes técnicas plásticas. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
→

**até fev
2017**

Passageiro Clandestino

Exposição que assinala o centenário do nascimento de Mário Dionísio, pintor, escritor, ensaísta e figura essencial do século XX português. Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo.
→

**22 a 30
jul**

Festival Músicas do Mundo

Durante nove dias, as músicas do mundo juntam-se em Sines para a 18.ª edição de um dos mais premiados festivais portugueses. Vários lugares, Sines.
→

São falsas memórias, diz-se, já aqui esteve e não se lembra, sugere-se. Primeiro, o viajante não sabe o que são falsas memórias. Tem-se memória de alguma coisa vista e fixada pelo cérebro. Pode ficar fora da consciência, pode resistir a esforços de recordação, mas no dia em que a imagem voltar a poder ser «lida», vê-la-emos, com precisão maior ou menor, e o que estivermos vendo é o que vimos já. Toda a memória é verdadeira, nenhuma é falsa. Confundida poderá estar, será como um puzzle desmanchando, que, potencialmente, é reconstituível até ao último fragmento, à mais breve linha, ao mais apagado tom. Quando os homens forem capazes de percorrer todos os registos da memória e ordená-los, deixarão de falar de falsas memórias, embora seja bem possível que então se defendam dessa capacidade memorizante total, cultivando falsos esquecimentos. *Viagem a Portugal*